



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**OS ESPAÇOS-TEMPO DE FORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE:
UMA METAMORFOSE DOCENTE**

ANNA CAROLINA SOUZA DE CARVALHO

Brasília – DF

2018

ANNA CAROLINA SOUZA DE CARVALHO

**OS ESPAÇOS-TEMPO DE FORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE:
UMA METAMORFOSE DOCENTE**

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas.

Brasília – DF

2018

SC331e Souza de Carvalho, Anna Carolina
Os espaços-tempo de formação na construção da identidade:
Uma metamorfose docente / Anna Carolina Souza de Carvalho;
orientador Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas. --
Brasília, 2018.
69 p.

Monografia (Graduação - Pedagogia) -- Universidade de
Brasília, 2018.

1. Espaços-tempos de formação. 2. Formação docente. 3.
Identidade docente. I. Alves da Nóbrega Alberto Dantas,
Otilia Maria, orient. II. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

ANNA CAROLINA SOUZA DE CARVALHO

OS ESPAÇOS-TEMPO DE FORMAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: UMA METAMORFOSE DOCENTE

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de educação da universidade de Brasília sob a orientação da professora doutora Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas.

Comissão Examinadora

Profa. Otília Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof. Dr. Hélio José Santos Maia (Examinador)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Profa. Ms. Paixão Marilete Alves Pinheiro (Examinadora Externa)
Secretaria de Educação do Distrito Federal

Profa. Laryssa Bezerra Lima (Suplente)
Mestranda de Educação PPGE/FE/UnB

Brasília 6 de dezembro de 2018

Aos Carvalhos, Souza, Pedra, Alves e Barbosas;

Em memória à minha avó Mary;

À Deus e a todos os mentores espirituais;

Aos amigos e professores.

A realização do meu sonho só foi possível
devido a presença de vocês em minha caminhada!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e meu irmão, por serem um dos pilares que me mantiveram em pé durante essa caminhada. Por serem meu exemplo e, por não desistirem de mim nos meus momentos de estresse no final de todos os semestres. Pelo apoio que me deram em minhas decisões, até nas mais incomuns, por sempre torcerem pelo meu sucesso, por me ensinarem que as dificuldades estão presentes para fazer que nos movimentemos para que ocorra mudanças, e principalmente, por estarem comigo para todas as horas!

À “tia” Patrícia, ao João e a Ana Clara, por terem me recebido com todo o coração quando retornei à Brasília. Por me ajudarem durante esse último semestre de 2018, e por me fornecerem o apoio necessário para não desistir, mesmo quando parecia não haver mais luz no fim do túnel. Por estarem ao lado nessa minha nova etapa da minha vida, e principalmente, por me presentarem com a honra de tê-los como uma segunda família, pois sem o apoio de deles não teria conseguido chegar até aqui.

À Deus, pela oportunidade de todas as manhãs receber o presente da vida. Por Ele ter me direcionado para escolher a Pedagogia como profissão e, por ter me fornecido experiências maravilhosas para a minha formação como pessoa e profissional. Por me mostrar a importância da fé e que até a chuva na época da seca é possível se Ele quiser.

À minha madrinha, a “Muqui”, aos avós maternos e (in memória) a avó Mary, pelo apoio que vocês sempre me deram durante minha caminhada acadêmica. Por sempre me incentivarem e por acreditarem no meu potencial. Agradeço por não desistirem de me apoiar e por me lembrarem que os obstáculos que estavam surgindo em vida eram para que eu crescesse como profissional e pessoa. Obrigada por terem me ensinado a não desistir durante os momentos mais difíceis.

À minha orientadora e a Laryssa, por terem me ensinado o sentido da palavra educadora na prática, por cada auxílio e orientação. Por terem compartilhado comigo seus conhecimentos, pois sem o apoio delas, esse trabalho não seria possível. Por acreditarem na minha capacidade e por terem me proporcionado a possibilidade de crescer como acadêmica durante a realização deste trabalho.

À Universidade de Brasília e seus professores, por terem feito com que eu vivenciasse um festival de saberes e conhecimentos, algumas vezes com gosto de chocolate meio amargo devido à quantidade de informações que necessitava aprender, mas ao fim de todo o processo de ensino-aprendizagem, o gosto amargo do chocolate era tão inesquecível que, realmente, percebi que aprendi o que me foi ensinado no decorrer do meu curso.

À “GARELA”, por estar comigo desde o início da graduação. Por todos os trabalhos em grupo que conseguimos “não nos matar”, pois foi por meio destes que consegui chegar até o final da minha graduação. Por cada conselho, risada, desabafo, companhia, almoço no RU, abraços, puxões de orelhas, rodadas de Uno e, principalmente, por me apoiarem desde 2014. Por terem sido o presente que a UnB me forneceu e, por acreditarem que conseguiria chegar e “sobreviver” até ao temido TCC.

Sobretudo, ao “Batman”, por ter me acompanhado durante todo o meu percurso da UnB, por ter me ajudado com trabalhos e por me levar para distrair a cabeça quando estava para desistir de tudo. Por cada “cospe na cara dela” para me fazer rir e não surtar com os meus problemas acadêmicos e pessoais. Obrigada por seu apoio, ele foi essencial para conseguir chegar até aqui.

Por fim, mas não menos importante, à minha irmã de outra mãe, por ter acreditado que seria capaz de concluir esse trabalho e de até escrever um capítulo em um prazo curto. Por ler todos os meus capítulos quando mandava por e-mail dizendo “miga olha aí e vê se está decente”. Por me ensinar como é importante ter alguém ao seu lado nos seus momentos mais difíceis e por me apoiar até o final da minha graduação.

Gratidão é a palavra que me refiro a todos vocês!

“Não posso voltar para ontem porque lá eu era uma outra pessoa”

(CARROLL, Lewis - Alice no País das Maravilhas)

RESUMO

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, teve como objetivo compreender a influência dos espaços-tempos de formação na construção da identidade docente. Trata-se de um estudo realizado por meio de uma investigação com base nas próprias experiências formativas. A metodologia, pautada na pesquisa autobiográfica possibilitou a compreensão da relação entre eu e o mundo, eu e o outro, eu e o social e eu e a história da autora possibilitando a reflexão acerca dos trajetos vivenciados. Em sua fundamentação teórica, o trabalho reúne um estudo a partir da concepção de diversos autores sobre os conceitos de identidade docente, formação docente (inicial e continuada) e espaços-tempo de formação. Os resultados da pesquisa revelam que a construção da identidade docente é um processo que abrange mais do que a formação continuada e a formação inicial, ela engloba nessa “metamorfose” os espaços-tempo e as subjetividades das experiências para cada sujeito.

Palavras-chave: espaços-tempos de formação; formação docente; identidade docente.

ABSTRACT

The present research, with qualitative nature, has the comprehension of the influence that spaces-times formation has on the construction of teacher identity. This study was made by investigation with base on formatives experiences. The methodology present on this research is the autobiographical which made possible the comprehension of the relationship between “I/me” and the world, “me” and the other, “me” and the social, and “me” and the author’ history, thanks to that it is possible to do a reflection about paths that people took on their life. On the theoretical foundation, the research uses a myriad of authors’ opinions about the concepts of the teacher identity, the teacher formation (initial and continued), and space-time of the formation. The results of the research show us that the construction of the teacher identity is a wide process, that not only takes in consideration the continued formation, and initial formation, but also the concepts of space-time and the subjective experiences that each one has.

Keywords: spaces-times formation, teacher identity, teacher formation

LISTA DE ABREVIATURAS

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

DPAC –Distúrbio do Processamento Auditivo Central

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

PNE – Plano Nacional de Educação

UnB – Universidade de Brasília

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figura 1 - Estágio Orientação e Coordenação.....	39
Figura 2 - Estágio Ensino Fundamental – Motoqueiro Fantasma.....	41
Figura 3 - Estágio Ensino Fundamental – Anna (Frozen).....	41
Figura 4 - Estágio Educação Infantil – Brincando e aprendendo.....	42
Figura 5 - Estágio Educação Infantil – Mundo mágico da leitura.....	43
Figura 6 - Estágio Educação Infantil – Mãe natureza.....	43
Figura 7 - A professora inspiração para minha escolha profissional.....	44
Figura 8 - Estágio em docência voluntário na mesma escola pública em que minha mãe trabalha.....	45
Figura 9 - Convivendo com o mundo militar	45
Figura 10 - Cúmplice/irmão.....	46
Figura 11 - Meus primeiros “alunos”.....	47
Figura 12 - Provérbio Chinês: boa mente, fala e ação.....	48
Figura 13 - Meus professores informais.....	48
Figura 14 - Aprendendo a decorar	50
Figura 15 - Leitura não tão prazerosa	50
Figura 16 - Flor de Cerejeira	52
Figura 17 - Educação Matemática.....	55
Figura 18 - Congressos.....	55
Figura 19 - Aulas de Inglês.....	57
Figura 20 - Museu Aeroespacial	58
Figura 21 - Museu do Holocausto	58
Figura 22 - Zoológico.....	59
Figura 23 - Aquário de Baltimore	59
Tabela 1 – Categorias de Análise.....	60

MÁRIO

RESUMO	9
INTRODUÇÃO	15
1. O QUEBRA CABEÇA DO SER CHAMADO ANNA CAROLINA	18
2.REFERENCIAL TEÓRICO	26
2.1. Mergulhando nas profundezas do termo identidade	26
2.2 A odisseia da formação docente	28
3. METODOLOGIA	35
3.1 Procedimentos metodológicos	36
4. METAMORFOSE DA IDENTIDADE DOCENTE: A ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS	38
4.1. Navegando nas águas misteriosas da sala de aula	38
4.2 A família real do <i>King Farm</i>	44
4.3 As “facções”	47
4.4. Docilização, não tão doce assim	49
4.5 Seleção natural das provas e concursos	51
4.6 Flores de cerejeira nas escolas	52
4.7 Minha <i>Hogwarts</i> na pedagogia	53
4.8 Expresso americano.....	56
4.9. Montando o quebra-cabeça chamado Anna Carolina: os resultados	60
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
5.1. Perspectivas	62

REFERÊNCIAS.....	65
-------------------------	-----------

INTRODUÇÃO

A ideia de realizar o estudo sobre a identidade docente ocorreu devido a necessidade de refletir como as vivências que experimentei constituíram minha identidade docente. O estudo tem como objetivo analisar os espaços-tempo de formação na construção da identidade docente e, para tanto, tomo minha própria experiência no intuito de compreender como se deu a construção da minha identidade. Destarte, o motivo da definição deste tema me levou a conhecer um pouco mais a respeito da minha identidade docente de forma a compreender como as experiências que vivi constituíram para me constituir enquanto educadora.

Deste modo, o trabalho foi organizado em 5 capítulos, sendo o primeiro, o Memorial Formativo, o segundo a fundamentação teórica, o terceiro a metodologia, o quarto a análise dos dados e o quinto os resultados. O primeiro capítulo foi construído, basicamente, para relatar as experiências que presenciei tanto no Brasil, como fora dele. Por meio dessas ricas experiências, desvendo o meu “eu profissional” com o objetivo de refletir sobre meu processo formativo.

A monografia trata-se de um estudo que tem como **objetivo geral**, compreender os espaços-tempo de formação na construção da identidade docente. Além disso, nos leva a compreender os espaços-tempos de formação a partir das diferentes experiências vivenciadas pelos sujeitos em seu percurso formativo e, de que maneira isso se reflete na construção de suas identidades. Para que esse objetivo geral fosse atingido, foram adotados os seguintes objetivos específicos:

- Analisar no campo teórico o conceito de Identidade Docente;
- Conhecer as concepções de formação docente (inicial e continuada);
- Desvelar a identidade docente forjada a partir das experiências em diferentes espaços-tempo de formação as quais tenho vivenciado.

A metodologia, de natureza qualitativa, tomou como base a pesquisa autobiográfica, um método de investigação que parte da história de vida do próprio sujeito. Diante disso, analisei as minhas experiências, categorizadas em espaços-tempos de formação, a fim de compreender como estas contribuíram para a construção da minha identidade docente.

Por fim, considero que a reflexão sobre a construção da minha identidade como docente, possibilita conduzir outras pessoas a “abrirem as portas” para uma maior reflexão acerca de como os espaços-tempo influenciam na construção de suas identidades. Lembrando que cada sujeito possui seus próprios sentimentos e considerações a respeito de suas vivências, tornando essa construção um processo singular. Diante disso, convido o leitor a navegar em momentos

importantes da construção de minha identidade docente por meio da influência dos espaços-tempo que vivenciei.



1. O QUEBRA CABEÇA DO SER CHAMADO ANNA CAROLINA

“As diferenças de costumes e língua não significam nada se os nossos objetivos forem os mesmos”.

(Dumbledore, em Harry Potter e o Cálice de Fogo).

O lugar é *King Farm*¹, uma fazenda mágica perdida a 8 mil quilômetros da cidade de Brasília, e localizada no estado de *Maryland*². Um local tão distante, mas que habita uma rainha pedagoga, um rei militar e um príncipe universitário. Deveria morar nessa mesma fazenda, uma princesa quase pedagoga também, mas ela resolveu enfrentar o mundo sozinha e voltar para sua terra natal chamada Brasília para concluir sua graduação.

Seria fácil me definir como pedagoga em construção, perdida em Brasília na casa de uma tia de coração, mas assim como o quebra-cabeça, também sou composta por diversas peças, ou melhor, peças complexas. E, para conseguir me desvendar melhor, por meio de um dos tipos de texto narrativo, conhecido como memorial, refletirei acerca do meu processo formativo.

Poderia começar meu memorial contando o início da minha vida, mas escolhi começar a partir dos dias de hoje para depois conseguir explicar como as minhas vivências e memórias me fizeram quem eu sou atualmente. A vida é como um quebra-cabeça gigante, não se tem uma peça fixa para começar ou uma peça mais importante, pois todas são fundamentais para compor a imagem final. Assim como um quebra-cabeça, minha vida também tem muitas peças, umas mais antigas de dezembro de 1995, e outras mais novas do ano de 2018.

Escolhi a peça do ano de 2002, pois “foi o ano em que aprendi a ler e a escrever”. Lembro-me que esta frase estava escrita no texto de agradecimento que li durante a cerimônia de formatura, me marcando indelevelmente devido a uma situação bastante incomum, pois em plena formatura da Educação Infantil me dei conta de que aprendera a **decorar**. Na época, fiquei responsável por ler o agradecimento e, nesse período até já sabia ler, mas minha professora pediu para eu gravar o agradecimento. Essa atitude por parte da minha professora não fez sentido, pois se pensarmos bem, eu estava aprendendo e aperfeiçoando minha leitura, não havia necessidade de decorar algo só para a cerimônia. Para ser sincera, recordo que acabei nem

¹*King Farm*: condomínio em que residi nos Estados Unidos entre 2017 a meados de 2018.

²*Maryland* é um dos 50 estados dos Estados Unidos, localizado na região nordeste do país. *Maryland* foi nomeada em homenagem à rainha Henrietta Maria da França, esposa do rei Carlos I da Inglaterra.

lendo, eu já sabia exatamente o que falar e apenas “despejei” a informação. Na época da minha alfabetização tínhamos ditado toda semana acerca dos sons das sílabas. Eram tantos sons que acabava me esquecendo no início, mas de tanto fazer e refazer acabei, mais uma vez, decorando. Apesar de não gostar tanto das minhas aulas nesse período, rapidamente aprendi a ler, mas, apesar de saber ler, eu não gostava.

Desde pequena, meu “castelo” sempre foi repleto de livros, pois tanto meu pai, quanto minha mãe sempre incentivavam a mim e ao meu irmão a ler. O rei militar, vulgo pai, sempre lia para mim e para o príncipe encantado, meu irmão, os livros do Harry Potter antes de dormirmos, mas nunca tinha tido vontade de sentar para lê-lo, até chegar o ano de 2006. No livro “Harry Potter e as Relíquias da Morte”, uma frase marca bem esse episódio em minha vida “Não ouvimos essas histórias quando éramos pequenos, ouvimos Branca de Neve e os sete anões e Cinderela [...]” (ROWLING, 2007, p. 83). Um livro diferente para ler para as crianças, mas tanto eu quanto meu irmão adorávamos.

Em 2006 resolvi, por conta própria, ler o livro do Harry Potter ao invés de passar o tempo no MSN, sendo este um site que existia à época para bater papo na internet. No início, pensei que logo desistiria, mas acabei me envolvendo com o livro e não parei mais. Como dizia *Alvo Dumbledore*, um dos personagens do livro do Harry Potter, “são as nossas escolhas, *Harry*, que revelam o que realmente somos” (ROWLING, 2000, p. 280). E por meio dessa escolha, me descobri como fanática por Harry Potter, e principalmente, como uma pessoa que amava ler. Incrível como as escolhas fazem a diferença em nossa vida, as vezes algumas delas não decidimos de verdade, mas acabam acontecendo. Minha peça mais complicada de achar o encaixe no quebra-cabeça foi a de 2015, pois foi um ano em que o destino fez uma escolha sem me consultar.

“Destino”, segundo o dicionário eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa (2018) significa determinar antecipadamente. E, por uma pegadinha do destino, como se diz no dito popular, meu 2015 foi carregado de momentos complicados: “Eu não inscrevi meu nome – disse Harry sem saber o que dizer” (ROWLING, 2001, p. 154). Assim como Harry, também não tinha inscrito meu nome para me mudar para os Estados Unidos, foi apenas o destino brincando de fazer as 2000 mil peças do quebra-cabeça virarem 3000 mil. Me recordo que nesse período não aceitei bem essa situação, pois havia iniciado: minha graduação, um relacionamento, um estágio novo, novas amizades, ou seja, minha vida estava acontecendo e tinha que deixá-la de lado para construir uma nova em outro local, com uma língua que não era a minha e com uma cultura que nem sabia ser tão diferente da que vivenciei no Brasil.

Minha peça de agosto de 2017 trouxe muitas novidades para a construção da minha identidade como pessoa e profissional. Inicialmente, porque me dei conta que estava morando numa cidade nova, com uma língua que não é a minha língua materna e tentando iniciar uma nova vida. Muitas pessoas falam sobre a oportunidade de recomeçar, mas nunca tinha pensado que seria tão difícil me adaptar a essa minha nova realidade. Num primeiro momento, foi muito divertido conhecer novos locais como o Museu do Holocausto, o Museu de História Natural, o Museu Aeroespacial, e claro, a cidade em si por ser bastante diferente de Brasília.

Brasília é uma cidade planejada, suas quadras são divididas em números, bastante fácil de se locomover. Já *Rockville*, em Maryland, é bem mais difícil, tudo se resume em pegar a interestadual 270 ou a 495, dobrar na *Rockville Pike* ou na *Frederick Road*. Sair de números para usar nomes para me localizar foi um desafio. Mas graças as peças do meu quebra-cabeça na época da escola, desde 1997 quando iniciei a creche, até os dias de hoje, aprendi a me locomover na minha nova cidade por meio das noções de orientações que me foram ensinadas por meio da Geografia.

Além da minha dificuldade de locomoção naquela nova cidade, havia outro fator que tornava tudo mais difícil: o Inglês. Pude vivenciar dentro dessa minha nova “vida” como uma criança se sente quando não sabe nem ler, nem escrever. Quando cheguei aos Estados Unidos, sabia o básico, como por exemplo, perguntar como as pessoas estavam, como chegar em determinado local e falar meu nome (ênfase no que sabia perguntar porque, entender o que eles estavam me respondendo, já era muito além do meu conhecimento).

Em um primeiro momento me sentia analfabeta. Olhava as placas e não conseguia ler, ouvia as pessoas conversando no ônibus e não entendia, até para me comunicar com os professores era difícil. “Bom, acho que você vai ter de aprender pelo método difícil” (ROWLING,2001, p.178), como disse *Tonks*, uma das personagens do livro a Harry. Assim, semelhante a *Tonks*, eu também aprendi pelo método difícil em meio a diversos obstáculos. O primeiro mês foi um dos mais difíceis, achei que não conseguiria, que nunca aprenderia e me adaptaria ao local, mas como dizia minha mãe “você não é quadrada”, fui atrás para poder aprender cada vez mais.

Quando iniciei minhas aulas de Inglês, comecei do nível 2 porque eu já sabia o alfabeto. Deveria saber mais, porque fazia inglês desde o maternal, mas não havia aprendido nada, pois meus professores ensinavam apenas as regras gramaticais e não focavam muito no entendimento da língua, ou seja, acabava decorando as regras não demonstrando qualquer preocupação com a realidade do aprendizado. É importante ressaltar que diferentemente do

português, saber o som das letras do idioma Inglês não significa que você saiba ler, pois cada letra tem um som em cada palavra.

“*Harry* ainda não conseguira dominar os Feitiços Convocatórios, parecia ter desenvolvido uma espécie de bloqueio com relação a eles, e Hermione insistia que aprender a teoria ajudaria” (ROWLING, 2001, p. 178). Assim como Hermione, muito dos meus professores também acreditavam que a teoria era mais importante que o resto, pois a gramática eu tinha uma noção, mas no meu dia-a-dia não me ajudava muito. Falar frases simples até conseguia, mas infelizmente as pessoas não vinham ainda com a tecla traduzir automaticamente, como muitos professores faziam quando não entendíamos alguma palavra.

Os meses foram passando e, em maio de 2018, havia terminado o curso de Inglês. Para mim foi um grande passo que dei na minha vida, pois aprendi uma língua que sempre havia tido dificuldade. Como se diz em Inglês “*I improved my English during this time*”³. Atualmente, o Inglês vem a minha mente tão facilmente como o Português, pois realmente aprendi uma nova língua, e não apenas decorei o conteúdo.

É importante ressaltar que durante esse processo, meu primeiro livro em outra língua foi também o do Harry Potter. Escolhi o mesmo livro que havia me ensinado como o mundo da leitura é mágico, pois acreditava que por meio da leitura, acabaria me aperfeiçoando no Inglês. Essa tática de usar a leitura para aprofundar o Inglês funcionou, e acabei até atingindo a nota necessária para o teste do “*Accuplacer*”, sendo este uma prova para ingressar na primeira etapa da faculdade, o *College*. “Temos o prazer de informar que V. Sa tem uma vaga na escola de Magia e Bruxaria de *Hogwarts*”⁴. Estamos anexando uma lista dos livros e equipamentos necessários” (ROWLING, 2000, p. 35). A alegria de passar no teste, foi a mesma de *Harry* quando recebeu a carta que informava sobre sua entrada na escola de *Hogwarts*, pois percebi que naquele momento havia superado minhas dificuldades, havia realmente aprendido uma nova língua de maneira mais eficiente por estar imersa na realidade de uma vida americana.

Vida essa que não é assim tão fácil como muitos acham. Lá existem muitas dificuldades como em qualquer outro país, porém a diferença é que eles se dedicam em melhorar esses problemas para o bem da sociedade. Lembro-me de andar de ônibus muitas vezes sem precisar mostrar minha carteirinha estudantil, pois o leitor digital havia parado de funcionar, e para o bem da comunidade, os motoristas decidiram levar os passageiros de graça. Engraçado que um país totalmente capitalista tenha esse pensamento, pois antes de viver nessa realidade acreditava

³ Eu aperfeiçoei o meu Inglês durante esse período (tradução minha)

⁴ *Hogwarts*: escola de bruxaria no universo do livro Harry Potter.

que eles eram totalmente voltados para arrecadar o máximo de dinheiro que conseguissem. Além disso, eles pensam no outro por meio de várias atitudes que são presentes no dia a dia, como por exemplo, deixando o lado esquerdo da escada rolante livre para quem estiver atrasado ou até mesmo no trânsito, quando no cruzamento, o carro que chegar primeiro tem a preferência. São pequenas coisas que fazem com que se perceba como a vivência dentro de uma cultura interfere na construção da identidade do ser humano, pois esses valores só continuam sendo perpetuados porque as crianças são ensinadas dessa maneira nas escolas e no meio familiar.

Porque comentei dessa vida americana em meu memorial? Porque desde que voltei dessa experiência, percebi que englobei muitos aspectos que vivenciei nesse outro país na minha própria vida. A vida americana começou a fazer parte de mim também, inclusive escrevi parte desse memorial numa cafeteria, assim como nos filmes americanos. Cresci como pessoa, mas também cresci como profissional, e esse crescimento se deu por meio da experiência de estudar e vivenciar um sistema de ensino completamente diferente do Brasil, além de poder ver como é a realidade de uma escola americana e como esta necessita estar preparada para receber alunos estrangeiros.

Durante o período em que estudei no *Montgomery College*, por meio do programa denominado *ESOL (English: Second Language)*, pude conviver com pessoas de diversos países e de várias faixas etárias, todos em busca de um mesmo objetivo, que era aprender Inglês. Essa multiculturalidade me enriqueceu no âmbito pessoal e profissional, pois em sala de aula, consegui perceber que as singularidades são essências para o desenvolvimento dos processos de ensinar e aprender. Vi muitos alunos mais velhos desistindo dos cursos, pois muitos tinham dificuldade de conciliar trabalho e, até mesmo, com o cuidar da família. Meu quebra-cabeça foi ganhando peças essenciais. Além disso, tive a experiência de conhecer duas escolas americanas, sendo uma *Elementary School* e, a outra *High School*, equivalentes no Brasil ao Ensino Fundamental I e o Ensino Médio. Vi uma realidade bastante diferente da nossa, pois as escolas públicas mais pareciam uma escola particular se comparado com a realidade de Brasília. Além disso, o ensino era totalmente diferente do ensino que vivenciei na minha infância.

As peças do meu quebra-cabeça trazem lembranças, conhecimentos e experiências que vivenciei na minha época escolar, mas nenhuma se compara com a realidade que percebi existir nos Estados Unidos. Apesar de ter estudado em escolas que não me deixavam escolher os conteúdos pelos quais gostaria de estudar, lembro de gostar de todas as disciplinas. Desde pequena sempre obtive sucesso na escola, nunca tive dificuldade para passar de ano e participava dos eventos que os professores me orientavam. Lembro-me de quando estava no

Ensino Fundamental, tinha dificuldade para escrever nas redações, pois não tinha boas ideias. Isso mudou quando participei de um concurso de redação cujo tema era Paulo Freire. Não cheguei a ganhar, mas fiquei entre as redações que receberam menção honrosa e isso para mim foi bastante significativo, pois havia conseguido conquistar algo por meio da escrita. Além disso, por meio dessa redação, aprendi que a verdadeira aprendizagem é a que consegue transformar o aluno, levando em consideração suas realidades e permitindo que os educadores e educandos consigam reconstruir os saberes ensinados para, por meio dessa reconstrução, conseguirem se tornarem autônomos e questionadores. Rememoro que, na época, meus pais me ajudaram na realização dessa redação e, agradeço a eles por isso. Na quarta série, participei de outro concurso, sendo que este tinha como tema a nossa cidade, Brasília e o tipo de texto era poesia. “Não se preocupe, Harry. Você vai aprender bem depressa” (ROWLING, 2000, p. 53), assim como essa passagem buscava incentivar o estudante Harry, essas duas experiências também me incentivaram a permanecer escrevendo e, acabei percebendo que escrever não era “um bicho de sete cabeças”.

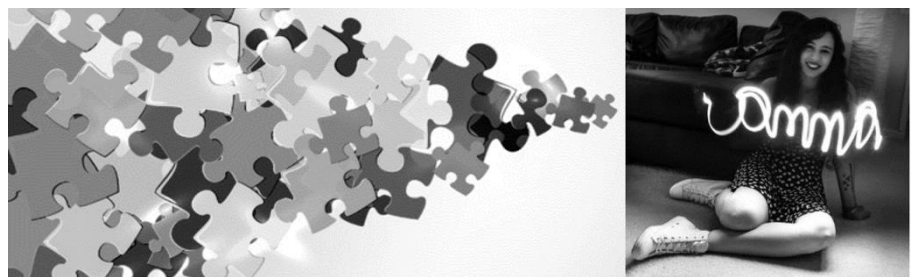
Conquistar esses dois reconhecimentos por meio da minha escrita foi imprescindível para conquistar todo o resto em minha vida, pois pude perceber que por meio dos meus conhecimentos e pela minha dedicação poderia alcançar tudo que almejasse, como por exemplo, a minha vaga na UnB e minha nota no “*Accuplacer*”.

Entrar na UnB não foi o meu grande desafio, difícil mesmo foi escolher minha profissão. Poderia dizer que meu sonho sempre foi ser professora, mas seria mentira. Minha bisavô, avô e mãe são professoras, e por ouvir a história de todas elas, dizia que iria ser tudo, menos professora. Mas desde criança, tinha certa tendência para essa profissão, pois segundo meus pais, eu sempre ensinava aos meus bonecos os conteúdos que estavam sendo trabalhados na escola. Eu até gostava de usar em minha casa um quadro negro. Além disso, na escola, eu sempre era a professora na parte da tarde, pois ajudava meus amigos a estudarem o conteúdo que estava sendo trabalhados em sala de aula.

Apesar de ter pensado entre outras mil profissões e lutado contra todos os testes vocacionais que fiz na vida, escolhi ser professora. E não foi como muitos que a nota escolhe o curso, no meu caso, eu realmente escolhi o que gostaria de fazer e não me arrependo da minha escolha.

Desde que entrei na UnB vivenciei disciplinas maravilhosas, umas tive mais intimidade do que outras, porém todas me ajudaram a formar quem sou hoje, uma educadora que busca fazer a diferença na vida de seus alunos, quebrando os padrões dos professores que não se

importam com o educador para transformar. Escolhi essa profissão para poder fazer a diferença na vida dos meus alunos, ser a professora que eles vão lembrar e dizer “aprendi tanto com ela” e não simplesmente “passei de ano”. E para fazer diferença utilizarei de todas as minhas experiências e conhecimentos para construir a minha identidade como pedagoga. Poderia dizer que a Pedagogia me escolheu, mas fui eu quem escolhi a Pedagogia para poder, por meio dela, ensinar e fazer o diferencial na vida das crianças.



2.REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse capítulo se pretende apresentar alguns conceitos que serão imprescindíveis para compreender a temática pesquisada. No primeiro item, será abordado uma breve discussão acerca do termo identidade e seu âmbito no quesito da identidade docente. Já no segundo item ocorrerá um aprofundamento a respeito da formação docente, trazendo o conceito de formação inicial e continuada, e também, o conceito de espaços-tempo e como este influencia na formação docente.

2.1. Mergulhando nas profundezas do termo identidade

Identidade é um termo que, de maneira rasa, acaba sendo definido apenas como um conjunto de qualidades ou particularidades dos sujeitos. Porém, o desenvolvimento deste trabalho demonstrou a necessidade de abordarmos esse conceito de maneira mais profunda. Há quem acredite que a sociedade interfere na construção da identidade, mas o interessante desse conceito é que talvez, no dia de hoje, ou na semana passada, de maneira inconsciente, algo tenha sido acrescido à sua identidade, uma vez que ela está sempre se modificando e se transformado, pois nossa identidade não é fixa.

O conceito de identidade é discutido em diversas áreas, como por exemplo, na História, na Sociologia, na Filosofia, e até mesmo na Antropologia. Para a Filosofia, Habermas (1998, p. 97) ressalta que a sociedade interfere diretamente na identidade dos sujeitos, pois com as mudanças que ocorrem na sociedade, a identidade também é alterada inconscientemente, num processo em que o outro identifique a pessoa e a pessoa consiga identificar a si mesmo:

Pero las imágenes del mundo no sólo juega un papel determinante em los procesos de entendimiento, sino también em la socialización de los individuos. Las imágenes del mundo cumplen la función de conformar y asegurar la identidad proveyendo a los individuos de un núcleo de conceptos y suposiciones básicas que no pueden revisarse sin afectar la identidad tanto de los individuos como de los grupos sociales.⁵

Sob a ótica da História Hall (2005) destaca que a identidade surge de um passado histórico que permanece presente até os dias atuais e, por meio dele, estamos produzindo a noção sobre o que nos tornamos. É importante ressaltar que para muitos historiadores as identidades são construídas pelas diferenças e não pelas semelhanças, além de serem formadas

⁵“Mas as imagens do mundo não somente desempenham um papel determinante nos processos de compreensão, mas também na socialização dos indivíduos. As imagens do mundo cumprem a função de moldar e assegurar a identidade, fornecendo aos indivíduos um núcleo de conceitos e pressupostos básicos que não podem ser revistos sem afetar a identidade de indivíduos e grupos sociais” (tradução livre).

pelas escolhas que as pessoas tomam. “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento.” (HALL, 2005, p.38).

Para Hall (2000) a construção das identidades acontece por meio dos locais históricos e institucionais, e é necessário que, dentro da realidade que se faz presente nos dias atuais, haja uma perspectiva do passado para compreender a conjuntura do presente. Essas relações de poder acontecem por meio do mundo social que ditam quais são os grupos privilegiados pela sociedade e quais aqueles que são discriminados demonstrando assim que há um processo de diferenciação entre as pessoas e, devido a essa diferenciação, há a formação das identidades.

Coldron e Smith (2007, p. 712) utilizam os autores Foucault e Bourdieu para ressaltar que identidade pessoal e as atitudes são condicionadas pelas formas sociais de poder presentes na sociedade. *“For example, Foucault and Bourdieu in their different ways (Foucault 1981a, b, Bourdieu 1984, Bourdieu and Wacquant 1992) show that personal identity and action are inevitably conditioned by the operation of power in society and shaped by social forms produced by that power.”*⁶

Já para a Sociologia, segundo Castells (1999), toda identidade é construída a partir da matéria-prima da história, memória coletiva, aspectos de poder, religião, geografia e biologia. Para o autor, todos esses materiais interferem diretamente na construção da identidade, podendo essa interferência ocorrer até mesmo de forma inconsciente. Dentro do conceito de identidade, encontramos também outros conceitos que são derivados da definição de identidade, e entre eles encontra-se a identidade do profissional docente, sendo este o termo foco deste trabalho.

O conceito de **identidade profissional**, para a sociologia, são as identidades dos sujeitos que apresentam características semelhantes, por desempenharem a mesma identidade social apesar de serem sujeitos diferentes. Essas semelhanças são reconhecidas tanto pelos próprios profissionais como pela sociedade que reconhece o profissional por meio de um conjunto de características que formam sua identidade. *“Being a teacher is a matter of being seen as a teacher by himself or herself and by others; it is a matter of acquiring then redefining in identify that is socially legitimized”*⁷ (COLDRON; SMITH, 2007, p. 712).

Dentro dessas semelhanças se encontram crenças, valores e sentimentos. Entretanto, por cada pessoa ser um sujeito único e com suas subjetividades, sua identidade profissional acaba

⁶ “Por exemplo, Foucault e Bourdieu em diferentes maneiras (Foucault 1981a, b, Bourdieu 1984, Bourdieu e Wacquant 1992) mostram que a identidade pessoal e ações são condições inevitáveis pela operação do poder presente na sociedade e moldadas pelas formas sociais produzidas por esse poder” (tradução livre)

⁷ “Ser professor é uma questão de ser visto como um professor por ele mesmo ou por si mesmo e pelos outros; é uma questão de adquirir então redefinir uma identidade socialmente legitimada” (tradução livre).

se tornando além do que apenas características semelhantes por desempenharem a mesma função. Segundo Dantas e Sousa (2015), durante o decorrer de nossa vida construímos uma identidade própria, e a mesma está em constante mudança. As autoras ainda afirmam que o mundo ao nosso redor está intimamente relacionado com a construção de identidade.

A identidade docente é a construção de si como profissional e dentro desse conceito se encontram valores, crenças, conhecimentos, experiências, dificuldades, medos, influências, e entre outros aspectos que formam quase uma “teia de aranha”. Por que uma teia de uma aranha? Porque assim como elas, os profissionais também constroem a sua “teia” identitária em busca de se “alimentar” de todas as informações que ela consegue trazer para a sua vida profissional.

Segundo Beijaard, Meijer & Verloop (2004) o conceito de identidade docente precisa ser entendido como sendo uma realidade que se evolui e se desenvolve durante a vida. Ela não é fixa, pois as pessoas também não são as mesmas e estão sempre em constante mudança. A identidade profissional não é estável, pois cada nova leitura, cada nova experiência, cada novo conhecimento pode se constituir mudança em sua identidade. *“Although we use the singular term ‘professional identity’, we do not interpret that identity as fixed or unitary”*⁸ (COLDRON; SMITH, 2007, p. 712).

Durante a formação dessa identidade docente, aspectos como formação inicial, formação continuada e espaços-tempo de formação, no contexto dessa pesquisa são imprescindíveis para se compreender como a identidade docente é construída.

2.2 A odisseia da formação docente

Com base no pensamento de autores como Shinugunov Neto e Maciel (2002), a **Formação Inicial do docente** está intimamente interligada com a vida acadêmica ou profissional. Tendo como referência, as experiências profissionais e pessoais fazem o pedagogo criar um estilo próprio de trabalhar. Mas, o que é formação inicial docente? É o momento em que estudante está se preparando para virar educador. Essa formação é um processo que geralmente antecede à docência e imprescindível, pois aprende-se a ser docente, sobre os conhecimentos técnicos e saberes docentes importantes para a sua formação. Como destaca Dantas (2007, p. 41):

A fase inicial ou “Formação Inicial” para a docência representa o período de preparação formal do formando em uma instituição específica em que poderá adquirir saberes e conhecimentos necessários ao desempenho da profissão [...] Para tanto, a

⁸ “Apesar de usarmos o termo singular “identidade profissional”, não interpretamos essa identidade como fixa ou unitária” (tradução livre).

formação parte de conceitos espontâneos, oriundos, na maioria das vezes, da experiência discente.

Cabe ressaltar que nesse período de formação os estudantes realizam estágio em docência e, é nesse momento, que conseguem perceber o que aprenderam em sua formação inicial, além de assimilarem um pouco mais como é a realidade da sala de aula, para além do contexto apresentado na formação inicial. Para Dantas (2007, p. 41) “é o momento em que o aprendiz é preparado para compreender a profissão que irá exercer ou já exerça na qualidade de leigo. Para tanto, a formação parte de conceitos espontâneos, oriundos, na maioria das vezes, da experiência discente. Toda formação recebida na formação inicial é acompanhada por profissionais”.

O curso de pedagogia traz diversos conhecimentos, saberes e competências, contudo não é apenas a formação inicial que constrói sozinha a identidade do profissional. Esta etapa é a “ponta do Iceberg” na construção da identidade do docente. É importante ressaltar, que durante a formação inicial existem divergentes ideias a respeito de como esta deveria ocorrer. Libâneo (2008) defende que o pedagogo necessita de um conhecimento mais desenvolvido que a prática, pois o conhecimento se torna mais importante que a técnica quebrando com a ideia de tecnicismo na educação. Porém Kuenzer e Rodrigues (2006) acreditam ser necessário que a formação tenha a prática e o teórico de “mãos dadas”.

Para Dantas (2007), muitas instituições de ensino acabam focando apenas nos conhecimentos técnicos sem dar a oportunidade de o estudante entrar em contato com a prática na escola por meio de observações e visitas. Percebe-se que, por meio desse olhar, as instituições acabam se importando mais com o conhecimento científico, porém não significa que esta prática é correta ou incorreta, mas é imprescindível que haja uma correlação entre as Ciências da Educação e a contextualização das escolas e suas realidades.

A formação inicial é importante para que o estudante compreenda quem é como profissional, o que pretende desenvolver e, como desenvolvê-lo. É um processo construído por meio do tempo. Durante o processo de formação inicial, os estudantes vivenciam experiências que interferem na construção da formação como docente.

Inicialmente, os estudantes passam por um processo de aprendizagem em que ocorre a construção dos conhecimentos técnicos e desenvolvem saberes docentes, competências e habilidades para se tornarem professores, pois há um currículo de disciplinas obrigatórias que devem ser cursadas durante a trajetória do curso. Há, também, as disciplinas optativas que oportunizam outros conhecimentos e saberes de interesse do aluno.

Além dos conteúdos previstos, os futuros professores também passam por um processo denominado estágio obrigatório. Nessa etapa eles terão acesso a sala de aula de uma maneira mais direta. O estágio é acompanhado por um professor orientador, com o intuito de auxiliar o aluno durante o processo de construção da identidade docente, além de orientá-los e apoiá-los. É importante ressaltar que o estudante não chega no curso completamente desinformado a respeito da profissão, pois apresentam alguns ideais, opiniões, valores que também interferem na sua formação docente. Vale salientar que o que é aprendido durante essa etapa está sempre em constante mudança. Devido os avanços científicos e tecnológicos, com o decorrer do tempo, é necessário que o docente se adapte as mudanças, novas experiências e novos conhecimentos na área da educação, para que o mesmo esteja “atualizado” no mundo em que vive.

A formação inicial, portanto, é parte da construção da identidade do Pedagogo ao longo de sua formação. Essa construção é influenciada tanto por meio dos conteúdos, como também, por meio dos estágios, dos professores, experiências fora de sala de aula e até mesmo, por meio dos textos que os alunos leem durante o curso de Pedagogia.

Outra categoria importante para este estudo é a **formação continuada**. Antes, porém, me ative a palavra formação que deriva da palavra em latim “*formare*” e tem como significado, de acordo com o dicionário eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa (2018), constituir, receber ensinamentos, fundar. Por meio dessa definição percebemos que a formação dos docentes se dá de maneira mais complexa do que muitos costumam imaginar. Pensar em formação não significa apenas aquela formação inicial que tivemos nas instituições de ensino superior, é necessário que o professor esteja sempre se aprofundando e aprendendo mais para ser um bom profissional. Este tipo é denominado **formação continuada**. Segundo Dantas (2007, p. 68):

O ponto de intersecção entre um processo e outro se refere ao início da formação continuada, confirmando-se certa maturidade profissional, na qual já se desenha um ciclo de aprendizagem, um sinal de reflexão da ação. Porém, há algo pouco sólido, pois lhe faltam os saberes pedagógicos, algo que demandará tempo e vontade para avançar, regular e redefinir sua profissão.

A palavra continuada deriva da palavra em latim “*continuus*” e tem como significado, de acordo com o dicionário eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa (2018), não parar, permanência de estado ou ação, não interromper. Essas duas definições nos trazem basicamente a definição do que é uma formação continuada. É uma formação que não é interrompida e permanece mesmo após você ter se graduado, ou seja, uma formação permanente. Segundo as diretrizes curriculares nacionais (BRASIL, 2013), os agentes educacionais compreendem que o seu compromisso e o seu sucesso profissional vão além de apenas condições de trabalho, é

necessário que o professor passe por um processo de formação continuada, para que o mesmo acompanhe as mudanças no campo educacional, que também está em constante transformação.

Segundo Shigunov Neto e Maciel (2002), o professor deve acompanhar as mudanças que ocorrem na sociedade atual e, para isso, é necessário que profissional se sinta engajado em refletir acerca de sua prática visando melhorá-la por meio das pesquisas, estudos e novas concepções. Cabe ressaltar que esta transformação só é possível por meio da formação continuada.

Novas experiências e espaços-tempo de formação influenciam no aperfeiçoamento dos saberes profissionais, pois é por meio delas que a atividade docente se dará de maneira integrada. A formação continuada não diz respeito somente a realização de cursos de especialização. Durante as experiências com a profissão, os professores acabam vivenciando e aprendendo constantemente, tanto por meio dos alunos, como também com os colegas de trabalho e até mesmo, fora do ambiente de sala de aula.

É importante reiterar que a formação continuada é prevista pelas leis que regem a educação como por exemplo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) e o Pacto Nacional de Educação (PNE).

Parágrafo único. Garantir-se-á formação continuada [...], no local de trabalho ou em instituições de educação básica e superior, incluindo cursos de educação profissional, cursos superiores de graduação plena ou tecnológicos e de pós-graduação (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013) (LDB, 1996).

O PNE ressalta na meta 16 que deve ser garantido a todos os profissionais da Educação Básica a formação continuada em sua área de atuação, “considerando as necessidades, demandas e contextualizações dos sistemas de ensino” (BRASIL, 2014, p. 80). Percebe-se que a formação continuada é um processo que deve ocorrer durante toda a vida profissional do docente, com o objetivo de fornecer aos estudantes sempre uma educação de qualidade e contextualizada. Para as DCN (BRASIL, 2013, p. 92):

Programas de formação continuada dos professores e demais profissionais também integram a lista de requisitos básicos para uma Educação Infantil de qualidade. Tais programas são um direito das professoras e professores no sentido de aprimorar sua prática e desenvolver a si e a sua identidade profissional no exercício de seu trabalho. Eles devem dar-lhes condições para refletir sobre sua prática docente cotidiana em termos pedagógicos, éticos e políticos, e tomar decisões sobre as melhores formas de mediar a aprendizagem e o desenvolvimento infantil, considerando o coletivo de crianças assim como suas singularidades.

É importante deixar evidente que a formação continuada não supre uma formação inicial que não teve boa qualidade, pois a mesma tem o objetivo de aprofundar conhecimentos já pré-

estabelecidos, buscando aperfeiçoá-los e não reensinar os conteúdos. Porém, assim como na formação inicial, é necessário que o docente se dedique ao que está estudando, pois, o aprendizado deve ser significativo. Cabe a ele reconstruir os novos conhecimentos aprimorando sempre os saberes para se constituir e, se transformar em uma borboleta antenada a realidade em que vive e assim realizar sua prática com qualidade, como destaca Dantas (2007, p. 64):

Muitas vezes, isso requer do professor reconsiderar valores e descobrir novas possibilidades de usufruir da cultura e da participação social. Ou seja, ser profissional é estar aberto ao novo para interagir, transformando a si e aos outros através de saberes e competências próprias da profissão. Portanto, há diferenças entre si. A Formação Contínua é extrínseca, definida coletivamente, enquanto que o Desenvolvimento Profissional é uma ação intrínseca, individualizante e própria do sujeito que a planeja

Candau (1997), uma das autoras que trabalha o aspecto da formação continuada de professores ressalta que existem três aspectos fundamentais durante esse processo, sendo eles: a escola, a valorização do saber docente e o ciclo de vida dos professores. Percebe-se que os aspectos do cotidiano escolar, as experiências atreladas com os conhecimentos curriculares e as práticas pedagógicas interferem diretamente na formação continuada. Essa formação, portanto, deve estar interligada ao cotidiano do professor e a de seus alunos para que, conseqüentemente, sua prática docente se dê com qualidade.

Cabe então refletir como as experiências interferem na formação docente e como tornam-se imprescindíveis para compreender a identidade do profissional docente. Assim como Candau (1997) ressaltou, as experiências atreladas com os conhecimentos curriculares é um dos aspectos fundamentais durante a formação docente.

Outra expressão importante nesta pesquisa é o termo **tempo** que nos remete a vários significados, como por exemplo, o clima, o horário e o andamento de uma música. Entretanto, refletir sobre a definição de tempo também é pensar na definição de passado, presente, futuro, é pensar em determinado momento ou época. Já a palavra **espaço** traz significados que vão desde objetos, extensão entre dois corpos, espaço sideral a até mesmo, demora, se conotado com o sentido figurado. Porém, pensar em espaço também é pensar em locais, ambientes e região.

O conceito de **espaços-tempo** para muitos pode parecer de difícil compreensão, pois não é algo usual relacionar esse conceito com a ideia de formação da identidade. Porém, Pinheiro Filho (2004) baseado nas ideias de Durkheim ressalta que o conceito de espaços-tempo são condições do conhecimento, pois englobam as experiências sensoriais capazes de gerar novos conhecimentos.

Analisando esta perspectiva, percebe-se que durante o decorrer de nossa vida, nossas experiências acabam influenciando diretamente a nossa formação gerando novos conhecimentos que acabam integrados na construção da nossa identidade.

Se a noção de tempo e espaço está interligada com a realidade da sociedade atual, é importante refletir como o tempo e o espaço estão sendo analisados atualmente. Segundo Thiesen (2011) na sociedade moderna, o tempo era visto como linearidade e controle, pois acreditava-se que o tempo era uma categoria racional. Entretanto, na sociedade pós-moderna, a visão de tempo acaba sofrendo algumas alterações, pois acredita-se que devido a essa sociedade globalizada com milhares de informações e comunicações, o tempo agora é representativo e quase efêmero, não linear.

Assim como o tempo, Thiesen (2011) ressalta que os espaços não são fixos e que o espaço atual vai além do que um ambiente físico, pois o mesmo pode se “converter” em ambientes atrelados a representações, valores e estímulos. Se os ambientes acabam convertendo-se em espaços como esses, percebe-se que o espaço não é neutro, as pessoas sempre vão acabar aprendendo dentro do ambiente em que estiverem, por meio da experiência sensorial que, conforme Thiesen (2011, p. 14):

Os tempos e os espaços devem ser vistos como dinâmicas mais fluidas, com espessuras e tessituras que nos permitam viver diferentes temporalidades sobrepostas e com espaços não mais limitados por suas margens físicas. São espaços e tempos representacionais, ideológicos, culturais, linguísticos, que produzem identidades, diferenças, relações, sentimentos, etc.

É importante mencionar que Pinheiro Filho (2004) ressalta que cada sujeito possui sua forma de sensibilidade e, que devido a isso, as percepções podem ser múltiplas dentro de uma mesma realidade, pois cada sujeito reagirá de maneira diferente quando estiver inerente a um determinado fenômeno. Cabe reiterar que o autor expõe que fenômeno é o objeto posto no tempo e espaço, e que esse conceito está vinculado intimamente com a história do sujeito e a organização social.

A formação do professor é permanente. Desenvolve-se em diferentes tempos espaços, ao longo da vida dos sujeitos educadores. Ninguém nasce professor, nem há um ponto determinado da vida em que o sujeito se torna professor. O curso superior habilita, certifica, mas não é o ponto final da formação. Para muitos, marca o início de uma trajetória (ROCHA; POZZEBON, 2013, pg. 7).

Não nascer professor, não significa que o sujeito não consiga construir o seu “eu profissional”. O que viria a ser a construção do seu “eu profissional”? É o momento em que o docente constrói sua identidade, inclusive a partir de contribuições das experiências vivenciadas

nos diferentes espaços-tempo de formação. Diferente do que muitos acreditam, os docentes não são seres mágicos que nascem com um “dom” para sua profissão, eles constroem, com o tempo, o seu “eu profissional”, sempre de forma a agregar novos conhecimentos, experiências e vivências que são imprescindíveis para sua prática docente.

Percebe-se, que a construção do “eu profissional” é um processo mais complexo do que muitos acreditam, pois vai muito além do que apenas a formação inicial e a formação continuada, engloba aspectos da vivência de cada indivíduo, dentro de vários espaços-tempos, e, portanto, a subjetividade de cada sujeito acaba se atrelando a identidade singular de cada docente.

3. METODOLOGIA

A pesquisa, de natureza qualitativa, embasada na metodologia de pesquisa autobiográfica, foi responsável por auxiliar no caminho para a realização desse trabalho. A natureza qualitativa, diferente da quantitativa, não se preocupa com a ideia de representar numericamente seus resultados, mas trabalhar com os significados, valores, crenças e motivos. González Rey (1998) ressalta que a pesquisa qualitativa produz o conhecimento utilizando-se da subjetividade.

A subjetividade é um conceito definido como um conjunto de contextos pelo qual o sujeito passou dentro de sua construção social. Cabe reiterar que esse autor expõe que a participação do pesquisador é importante para a riqueza da pesquisa, pois faz uso de sua experiência para trazer significados singulares a pesquisa.

La subjetividad se caracteriza por la definición de otra forma de lo real, que se nos presenta em el nivel de lo simbólico, los procesos de significación y de los sentidos subjetivos, tanto a nível del sujeto individual como em las diferentes formas y niveles de la constitución social ⁹(GONZÁLEZ REY, 1998, p. 65).

Bicudo (2011) ressalta que a característica desta forma de se realizar a pesquisa sempre permite investigar o contexto visando situar o objeto pesquisado dentro de sua realidade. Segundo a autora, essa preocupação de contextualizar acaba gerando uma pesquisa única, pois não pode ser transferida para outro contexto. Segundo Bicudo (2011, p. 38), o pesquisador não institui uma verdade, ele analisa utilizando sua opinião que fica expressa no corpo do texto. Para ele “é importante que destaquemos que não se trata de o pesquisador dizer foi assim, mas conforme percebi, ocorreu de tal modo. A descrição é sempre explicitada pela linguagem oral e é por isso que solicita análise e interpretação efetuadas com o auxílio do recurso hermenêuticos”.

A epistemologia qualitativa, segundo González Rey (1998), se apoia em um conjunto de princípios gerais, sendo três ressaltados pelo autor: o caráter construtivo, o papel do pesquisador nesse processo e, o caráter interativo durante o processo de produção do conhecimento. Outra via que possibilitou a construção deste trabalho foi a pesquisa autobiográfica. Este tipo de pesquisa possibilitou retomar o quesito singular e pessoal. Ferrarotti (1988) expõe que o sujeito é a reapropriação singular em que se leva em consideração o

⁹A subjetividade é caracterizada pela definição de outra forma do real, que nos é apresentada no nível do simbólico, nos processos de sentido e nos sentidos subjetivos, tanto no nível do sujeito individual quanto nas diferentes formas e níveis da constituição social (tradução livre).

universo social e histórico em que o mesmo se encontra presente. A autobiográfica, como o próprio dicionário eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa (2018) define, é quando uma pessoa escreve sobre a própria vida. Abrahão (2003) expõe que o método autobiográfico se constitui por meio das narrativas que fornecem as informações necessárias para se constituir o processo de investigação. Dessa forma, esta abordagem permite estabelecer uma relação entre o eu e o mundo, englobando o eu e o outro, o eu e o social e o eu a história.

Da Silva e Maia (2018) ressaltam que a forma de ser e estar no mundo está interligado com as experiências que marcam a vida da pessoa e, devido a este fato, as pesquisas autobiográficas revelam mais do que apenas simples acontecimentos, mas são capazes de compreender e analisar os contextos, dimensões e implicações pessoais responsáveis pela construção histórica de cada sujeito.

Segundo Passeggi, Souza e Vicentini (2011) o objetivo da pesquisa autobiográfica é fazer a pessoa em formação refletir sobre o seu trajeto e, a partir dessa reflexão, conseguir construir uma pesquisa ação-formação. Ver e conhecer a si mesmo como sujeito, permite conhecer suas próprias vivências, tanto no individual, como no coletivo, como formador do sujeito. Sobre isto encontramos em Da Silva e Maia (2018, p. 5):

Assim, a experiência formadora diz respeito ao processo de constituição psicossomática a pessoa; ao modo como cada um aprende e (re)significa essa aprendizagem em relação a si mesmo, ao outro e ao mundo; à capacidade de transformação das vivências particulares em experiências, a partir da tomada de consciência de si mesmo e de suas interações com as outras pessoas e com o meio social e natural.

A pesquisa autobiográfica permite, portanto, utilizar das recordações para compreender a formação de si mesmo como sujeito, compreender suas subjetividades e analisar aspectos da sua identidade. Devido a esse aspecto de (auto)aprendizado, a pesquisa acaba permitindo a produção do conhecimento e o autoconhecimento.

3.1 Procedimentos metodológicos

Para obter os dados desta pesquisa foi necessário utilizar de um acervo pessoal que remetesse a momentos que vivenciei em diferentes espaços-tempos de formação, de forma a obter os dados necessários para alcançar os objetivos propostos. Cada um deles remete a um espaço-tempo de formação que considere significativo para meu processo de construção da identidade docente, pois percebi que esses espaços-tempos escolhidos, interferiram diretamente em ideais, crenças, valores e entre outros aspectos pelos quais desenvolvi e interferiram em

minha formação. Além disso, por meio deles, foi possível compreender melhor o conceito de espaços-tempos de formação.

Desse modo, os materiais utilizados foram: fotos, vídeos, objetos pessoais, atividades da época da escola, meu memorial e as lembranças que possuo acerca dos espaços-tempos da minha formação.

Para obter os dados, inicialmente foi necessário buscar lembranças, arquivos que remetiam ao meu passado, objetos, lembranças e momentos que foram significativos para meu processo de formação da identidade docente. Em seguida, foi necessário beber nas fontes teóricas, aspectos que tornassem meus dados válidos e imprescindíveis para atingir os objetivos da minha pesquisa.

Para o referido estudo, foi necessário organizar os dados em grupos que facilitassem a sua análise. Para tanto, agrupamos essas informações em categorias. A partir dessas categorias emergiu a tabela constante na página 58. Segundo Alves e Silva (1992) esse momento de sistematização é de suma importância para a análise dos dados obtidos. Sistematizar esses dados tornou o processo de análise mais fácil, pois foi possível perceber as semelhanças e diferenças nas vivências possibilitando uma aproximação com os autores de forma mais clara e objetiva.

4. METAMORFOSE DA IDENTIDADE DOCENTE: A ANÁLISE DAS EXPERIÊNCIAS

Para compreender melhor o processo de formação da identidade docente, devemos refletir acerca do processo de **metamorfose da borboleta**. A borboleta, primeiramente, se encontra dentro de um ovo, para depois virar uma lagarta. Em seguida, atinge a fase de pupa, para depois, livre do casulo, poder virar borboleta.

Se trocar a borboleta e pensar a mesma como sendo o professor, será possível perceber que o docente passa por um processo de metamorfose para poder construir sua identidade. Assim como a borboleta, o professor passa por diversas fases que em conjunto acabam compondo o quebra cabeça da identidade desse profissional.

As fases desse processo começam antes mesmo do frequentar uma instituição de ensino superior, pois as experiências e vivências anteriores a formação inicial influenciam diretamente na construção da identidade do docente. Após o processo de formação inicial, tem-se a fase da formação continuada que também influenciam na construção da identidade. Além dessas fases já destacadas é importante ressaltar que os espaços-tempo de formação vivenciados pelo sujeito influenciam também durante esse processo.

Para compreender melhor as influências na formação da identidade do docente, esse capítulo tem o objetivo de demonstrar algumas vivências que influenciaram na minha formação como profissional. Para tal, organizei as minhas vivências em grupos temáticos, e dentro deles, trarei diversas experiências, em diferentes fases da minha vida, mas que tem uma correlação lógica com o tema.

4.1. Navegando nas águas misteriosas da sala de aula

Adentrar um ambiente que você já conhece, acaba remetendo a memória da zona de conforto. Mudar a perspectiva desse ambiente para algo maior, traz um outro sentido de insegurança e medo do incerto. A **sala de aula** é um ambiente conhecido desde que me entendo por gente. Sempre estive lá quando havia aula ou quando não, pois, minha mãe, como professora, muitas vezes acabava me levando para o ambiente da escola.

Nesses momentos em que estava na escola como estudante era fácil, já sabia como me comportar, como reagir as perguntas, o que podia e o que não podia fazer. Assim quando ia com minha mãe já sabia que precisava ficar bem quietinha e observando tudo que minha mãe estava fazendo com os seus alunos. Sobre isto encontrei em Santos (2005) que a família é um

dos principais fatores que ajudam ou dificultam no momento da escolha da profissão dos jovens. No meu caso, acredito que o contato com a profissão da minha mãe facilitou a escolha da minha profissão e também, me ajudou a compreender a forma com a qual desejo me portar dentro de sala de aula.

Quando a perspectiva mudou, eu me senti insegura pois tinha medo de não alcançar o meu objetivo de ser uma boa professora. Agora, diferente do que minha memória trazia, eu tenho a certeza que estou aprendendo e construindo o que é estar à frente e com a responsabilidade de ensinar e não apenas de observar ou assistir as aulas.

Quando cursei as disciplinas Estágio em Docência, Orientação Educacional e Coordenação (Figura 1), já possuía algumas informações acerca do que viria ser a orientação educacional e a coordenação, mas não havia vivenciado a experiência de trabalhar dentro desse ambiente.

Figura 1. Estágio Orientação e Coordenação
Local: Escola Particular Plano Piloto



Fonte: acervo da autora.

Ao trabalhar dentro desse contexto pude agregar conhecimentos como: atender aos pais; organização de horários; contato diário com pais para informação sobre seus filhos na escola; planejamento de eventos, participação ativamente no conselho de classe demonstrando conhecimento acerca dos alunos; organização de planos de estudos com os estudantes, ouvir os alunos e seus adendos para melhor funcionamento da escola e compreendi que a coordenação é responsável principal pelo funcionamento da escola.

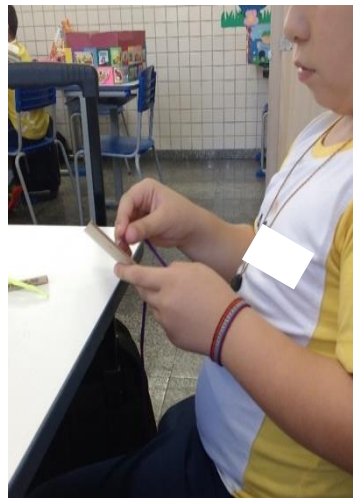
Bernady e Paz (2012), com base no pensamento de Mafuani (2011), ressaltam que a experiência do estágio é de suma importância para a formação integral do aluno, pois dessa forma, o estudante se encontra mais bem preparado para sua profissão. Diferente do conhecimento teórico, é importante que haja uma correlação entre teoria e prática. A vivência de um estágio dentro do ambiente da escola, para a minha formação docente, foi riquíssima. Assim, tive a oportunidade de vivenciar a docência em dois ambientes de ensino fundamental, a alfabetização e o terceiro ano. Essas duas vivências agregaram conhecimentos únicos.

Franzolin e Correa (2013) expõem que a realização do estágio é uma experiência imprescindível para a formação do futuro professor devido a possibilidade de, por meio desta, ampliar a análise de contexto fornecendo conhecimentos adequados para compreender a postura adequada, além de fornecer intervenções importantes para quando exercer a prática docente.

Com a turma de alfabetização acabei, durante o dia a dia percebendo as fases da escrita que havia aprendido com Emília Ferreiro, apesar da escola não utilizar os ideais dessa autora, consegui percebê-las nas tarefas em que corrigia dos alunos. Além disso, pude participar ativamente durante o processo de alfabetização das crianças. Apesar de não concordar com o método tradicional aplicado pela escola, percebi que ele possui suas qualidades, pois por meio desse método mecânico e repetitivo ocorre uma valorização na decodificação das letras e no som das letras, que são importantes durante o processo de alfabetização.

Com a turma de terceiro ano, trabalhei com dois alunos que necessitavam maior atenção e, também, atuei como auxiliar de sala de aula. Para me referir as duas crianças neste trabalho adotei como pseudônimo seu respectivo filme favorito – “o motoqueiro fantasma”. O *motoqueiro fantasma* possui DPAC (Distúrbio do Processamento Auditivo Central), um tipo de distúrbio que causa dificuldade em processar o som. O aluno apresentava dificuldade em lembrar do som das letras, como /r/ e /l/, /m/ e /n/, /p/ e /b/, /g/ e /j/, /t/ e /d/. Porém, por meio de diversas pesquisas na internet, após conversar com professores da UnB e com minha mãe, utilizei de atividades que facilitariam a aprendizagem do motoqueiro fantasma (Figura 2).

Figura 2. Estágio Ensino Fundamental – Motoqueiro Fantasma
Local: Escola Particular na Asa Sul



Fonte: acervo da autora

Além dele, conheci a *Anna (Frozen)* que diferente do *Motoqueiro fantasma*, tinha 11 anos e apresentava uma síndrome denominada de Costello. Ela (Figura 3) precisava de um cuidado maior e estava ainda aprendendo as vogais e, a contar e quantificar até 10. Com a experiência de trabalhar com ela, aprendi muito mais do que apenas acerca de ser profissional, aprendi lições de vidas importantes, pois mesmo com todas as dificuldades cognitivas e motoras, Anna nunca desistia e estava sempre sorrindo todos os dias.

Figura 3. Estágio Ensino Fundamental – Anna (Frozen)
Local: Escola Particular na Asa Sul



Fonte: acervo da autora

Quando cito que a experiência com a Anna (Frozen) demonstro o pensamento do autor Bousso (2000, p. 218) “[...] a importância do estágio não se resume à integração do aluno ao mercado de trabalho ou ao aprimoramento de suas habilidades no âmbito profissional. Trata-se também de um aspecto relevante na formação da pessoa”. A partir da minha experiência, adicionei peças ao meu quebra-cabeças, não apenas no meu eu docente, mas também enquanto sujeito.

Diferente das outras experiências pela qual vivenciei, o Estágio com a educação Infantil (Figura 4) envolvia uma rotina de sala de aula bastante distinta. Tive a oportunidade de estar com turmas tanto do primeiro período como do segundo período, em uma escola pública modelo. Aprendi como funciona a rotina de sala de aula da Educação Infantil, como utilizar das histórias, como ensinar as letras e números de maneira diferente do que havia visto na escola de ensino fundamental, ou seja, de forma lúdica. Além de participar das reuniões pedagógicas da escola, percebi o dia a dia dos professores.

Figura 4 – Estágio Educação Infantil – Brincando e aprendendo
Local: Escola Pública na Asa Norte



Fonte: acervo da autora

Com a experiência de trabalhar com a educação infantil por um ano, tanto nos momentos de praticando a regência, como também, nas observações participantes, eu aprendi muito a respeito de sistemas de ensino, como é o caso do rodízio. Cabe ressaltar que o sistema denominado rodízio é uma forma de fazer a aprendizagem acontecer em vários grupos dentro da sala de aula. Cada um desses grupos propõem uma atividade diferente e todas as crianças devem passar por todas essas estações de aprendizagem. Além disso, aprendi a utilizar o meio ambiente e a leitura como participantes do processo de ensino aprendizagem.

“Chamamos de Rotação por Estações a proposta metodológica na qual há disposição de diferentes atividades em estações (mesas ou bancadas) de forma simultânea, sendo

que cada uma aborda um tema distinto, porém correlacionado com os demais, de forma que não sejam interdependentes, não havendo assim uma sequência obrigatória à realização” (SILVA, Matheus Ireno e *et al*, 2016, p.3).

Figura 5 – Estágio Educação Infantil – Mundo mágico da leitura
Local: Escola Pública na Asa Norte



Fonte: acervo da autora

As vivências (Figura 6) em sala de aula agregaram conhecimentos importantes para o meu processo de formação, pois acabei aprendendo mais acerca da prática do professor e até mesmo, desenvolver criticamente um pensamento sobre o que vivenciei. Por exemplo questões voltadas para a didática, como utilizar o lúdico, a forma de realmente utilizar as histórias infantis em sala de aula como material didático e entre outros conhecimentos.

Figura 6. Estágio Educação Infantil – Mãe natureza
Local: Escola Pública na Asa Norte



Fonte: acervo da autora

Segundo autores que discutem esse assunto: “por meio da observação, da participação e da regência, o licenciando poderá construir futuras ações pedagógicas” (BERNADY; PAZ apud. PASSERINI, 2007). Meu quebra-cabeça estava constantemente buscando novas peças para acrescentar ou remover antigas para me constituir como professora. Aprendi com as crianças as melhores maneiras de trabalhar com elas, sabendo-as ouvir e buscando um ensino em que elas realmente aprendam, tanto por meio da ludicidade como também, por meio de vivências.

4.2 A família real do *King Farm*¹⁰

Viver num reino em que sua mãe é professora e seu pai é militar, fez com que muitas peças do meu quebra-cabeça fossem diferentes do quebra-cabeça de outros professores. Segundo Santos, “O jovem pertence a uma família, que tem uma história e características próprias” (SANTOS apud BOCK; AGUIAR, 2005, p. 58) e por isso, a influência familiar é singular. A experiência de conviver sempre com minha mãe em sala de aula, com suas formas de ensinar, acabaram me influenciando até na maneira de pensar minha prática pedagógica como professora. Diferente da pedagogia tradicional, minha mãe (Figura 7) possui uma perspectiva para o ensino que engloba tanto as tendências pedagógicas liberais, como também, as tendências pedagógicas progressistas, onde ela mescla, dentro de seu trabalho pedagógico, aspectos que considera importantes de cada uma dessas tendências. E ao final, seu trabalho como educadora sempre é visto com grande louvor.

Figura 7. A professora inspiração para minha escolha profissional
Local: Aeroporto de Washington - DC



Fonte: acervo da autora

¹⁰ King Farm: condomínio em que residi nos Estados Unidos

Minha mãe foi uma das minhas inspirações para buscar conhecer um pouco mais sobre a profissão que irei exercer e, também, um exemplo de garra, pois sei todas as dificuldades que a mesma enfrentou para chegar ao local em que está hoje, professora, na secretaria de educação.

Figura 8. Estágio em docência voluntário na mesma escola pública em que minha mãe trabalha.
Local: Auditório do Museu Nacional - Brasília



Fonte: acervo da autora

A experiência de ter um pai militar (Figura 9) trouxe alguns aspectos identitários um pouco distintos de quem não possui essa experiência. Meu pai sempre foi muito apegado a aspectos de educação e respeito para com o próximo. E acabei aderindo esses valores durante o decorrer de minha vida. Sempre convivi com estudantes que desrespeitam professores, bem como professores que desrespeitavam alunos. Para mim, essa realidade me chocava fortemente, pois qualquer tipo de relação necessita ser mantida com respeito para com o outro.

Figura 9. Convivendo com o mundo militar
Local: Colégio Militar de Brasília



Fonte: acervo da autora

Essa minha perspectiva de respeitar o espaço e opinião do outro me ajudou na minha profissão. Dentro do ambiente de trabalho é necessário que esses valores estejam presentes

tanto para com o docente, como para com o estudante e com todos os funcionários da escola, pois é por meio deles que se pode consolidar um ambiente propício para a educação e, também, para o aprender.

Aprender por meio das novas experiências faz crescer ou melhorar as peças do quebra-cabeça de cada um, pois o ambiente escolar é um ambiente de aprendizado constante, tanto dentro de sala de aula, como no pátio, nas conversas, na sala dos professores e até mesmo na fila da lanchonete. Se houver respeito para ouvir o outro, muito provavelmente, você agregará novos conhecimentos, tanto para aplicá-los, como também para compreender que aquele “conselho” não lhe cabe. Esses valores fazem parte dos valores compartilhados pela minha família e, segundo Barbosa e Reis 2018, p. 6) a construção da minha identidade está relacionada intimamente com a história da minha família.

A identidade, e tudo que a forma (signos, significados, linguagem, cultura), é constituída historicamente e, por isso, em cada identidade isolada está contida toda a história da humanidade (como afirmação e negação de quem sou), assim como toda a história da família a que cada ser esteve ou está pessoal e coletivamente, culturalmente ligado.

Além dos meus pais, aprendi muito com meu irmão/cúmplice mais novo (Figura 10), que, apesar disso, me ensinou a entender um pouco os alunos que possuem habilidades extraordinárias em sala de aula. Meu irmão é conhecido como aluno que não estuda, mas que sabe todo o conteúdo. E presenciar essa realidade me fez refletir sobre as subjetividades de cada aluno, me fez entender que cada estudante tem sua maneira e seu tempo para aprender.

Figura 10. Cúmplice/irmão
Local: Capital One Arena



Fonte: acervo da autora

Além disso, com a convivência com ele, aprendi a sempre lutar para chegar aonde almejo, e que sou capaz de chegar até lá. Em meu memorial expus que “[...] pude perceber que

por meio dos meus conhecimentos e pela minha dedicação poderia alcançar tudo que almejasse, como por exemplo, a minha vaga na UnB e minha nota no *Accuplacer* e essa atitude, essa construção da minha identidade de lutar até o final, foi devido a convivência com meu irmão. Ele me ensinou que todos somos capazes de tudo, apesar das dificuldades e diferenças.

Dias (2012), embasado na ideia de Capelo e Carinhas, ressalta que o ambiente familiar abrange o alicerce fundamental para apoiar a construção do que somos e o que fazemos e nesse meio aprendemos a respeito das dimensões significativas de interação. E assim como a experiência que tive na família real do *King Farm*, tudo que aprendi e a forma como sou atualmente é devido a todos os ensinamentos que tive com eles.

4.3 As “facções”

Esse título remete as minhas amigas e como essas influenciaram na minha formação. Denominei dessa maneira, pois minha mãe sempre alegava que meus grupos de amizade eram considerados como “facções”. Em vários ambientes fiz amizade, mas o principal mesmo foi no ambiente escolar. Inicialmente, vou relembrar que sempre ficava na escola para ajudar minhas amigas nas matérias da escola (Figura 11). Desde pequena, sempre dava “aula” para os meus amigos. Cabe ressaltar que, desde essa época, já tentava ensinar de forma diferenciada para meus próprios colegas os conteúdos que eram trabalhados em sala de aula.

Figura 11 – Meus primeiros “alunos”
Local: Escola Notre Dame



Fonte: acervo da autora

Rocha e Pozzebon (2013) ressaltam que a formação da identidade do professor ocorre ao longo da vida desse profissional, e nesse caso, em específico, minha identidade docente está

sendo construída desde a minha infância. Com o tempo fui percebendo que meus amigos acabaram me ensinando na mesma medida que ensinava a eles, tanto com relação aos conteúdos que estávamos estudando, como também sobre as diferenças entre as vivências e a troca dessas experiências. Pude perceber que apesar de ensinar de diversas maneiras, algumas eram melhores para algumas habilidades e saberes, mas outras não (Figura 12).

Figura 12. Provérbio Chinês: boa mente, fala e ação
Local: Colégio Notre Dame



Fonte: acervo da autora

Apesar de ainda não compreender o motivo, acabei descobrindo, por meio da vivência, o conceito de subjetividade embasado no estudo de Gonzalez Reis (1998). Percebe-se então que, antes de iniciar minha “formação inicial” acabei aprendendo conceitos imprescindíveis para minha prática docente no futuro. E com minhas com as minhas facções (Figura 13), acabei aprendendo o quão importante era a ideia da interação de Vygotsky. Pois, percebi que por meio das conversas, estudos em grupos e até mesmo nas aulas, acabei aprendendo mais com meus colegas de turma. Segundo Mello e Teixeira (2012, p. 2-3), “[...] a aprendizagem não acontece de maneira isolada, o indivíduo participante de um grupo social, ao conviver com outras pessoas efetua trocas de informações e, desta forma, vai construindo o seu conhecimento conforme seu desenvolvimento psicológico e biológico lhe permite”.

Figura 13- Meus professores informais
Local: SEB Dínatos COC



Fonte: acervo da autora

Assim como aprendi o conceito de subjetividade, também aprendi em Vygotsky mesmo sem iniciar minha formação na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília adquirindo

assim, novas peças para o meu quebra-cabeça. Shinugunov Neto e Maciel (2002) defendem que as experiências pessoais acabam gerando no pedagogo uma identidade na prática pedagógica.

Minha experiência de semear um conhecimento e depois aprofundá-lo, está fixado nas peças do meu quebra-cabeça. E, lembrarei dessa peça durante minha prática como docente.

4.4. Docilização, não tão doce assim

Foucault expôs em sua obra, “Vigiar e Punir”, o conceito de docilização. Para relembrar determinadas vivências que deixaram sua marca registrada na minha identidade, só seria possível se relembresse juntamente esse conceito de docilização. Para o autor, a docilização dos corpos serviria para manter todos dentro de um padrão, privando-os de argumentarem ou exporem suas opiniões. Se pensarmos uma sala de aula bastante tradicional, logo retomaremos as ideias de manter todos enfileirados e obedecendo a tudo que o professor determinar, sem permitir que os alunos expressem suas opiniões e argumentem sobre as situações que ocorrem em sala de aula. Quando estava na escola, passei por essa tendência pedagógica. Lembro-me de que não podia sequer olhar para o lado, pois a professora dizia aos meus pais que eu estava “tagarelado” demais em sala de aula.

Pedir para que eu não fale demais é o mesmo que pedir para eu viajar a lua e voltar. Sempre gostei muito de me comunicar, mas acabava sendo reprimida pelo sistema da sala de aula que eu não gostava e fazia as atividades porque tinha que realizá-las.

Eu precisava no dia da minha alfabetização “ler perfeitamente”, eu precisava no dia da prova “cuspir” o conteúdo decorado (Figura 14), não podia argumentar com os professores porque era visto como falta de respeito. Como citei no capítulo do memorial, “para ser sincera, recordo que acabei nem lendo, eu já sabia exatamente o que falar e apenas “despejei” a informação”.

Figura 14- Aprendendo a decorar
Local: Colégio Notre Dame



Fonte: acervo da autora

Ou até “apesar de não gostar tanto das minhas aulas nesse período, acabei aprendendo rapidamente a ler” (Figura 15).

Figura 15 – Leitura não tão prazerosa
Local: Cruzeiro



Fonte: acervo da autora

Todos os dois relatos, apresentam a ideia de seguir os padrões que a escola me colocava para cumprir, e mesmo apesar de não concordar, seguia o que me pediam porque era a “regra”. Essas experiências, me proporcionaram refletir que alguns professores me fizeram passar por situações que não desejo para os meus alunos. Dantas (2007) ressalta que antes da formação inicial os estudantes geralmente chegam aos cursos com algumas crenças e valores e a minha,

com certeza, era aprender uma prática pedagógica que não reproduzisse essas situações pelas quais passei na minha “*Hogwarts*¹¹” escolar.

4.5 Seleção natural das provas e concursos

A seleção natural acontece o tempo todo nos dias atuais. Selecionar o aluno destaque, selecionar o aluno que ganhou em primeiro lugar no concurso de poesia, selecionar o aluno que não conseguiu nota em geografia, ou selecionar o aluno para sentar longe das amigas para não conversar ou selecionar um aluno num concurso de redação sobre Paulo Freire. Esse aluno de quem me refiro sou eu. Apesar de ter conquistado troféus, certificados e uma vaga no vestibular, ninguém compreendeu que passei por um processo de seleção natural do conhecimento. Alguém determinou que gostou mais de um trabalho do que do outro e que por isso prestigiaria um e não o outro. Pensar por essa lógica de premiação, por ser melhor escritor ou melhor aluno da sala, faz com que o outro se sinta inferior, não lembrando que as vezes, um tem facilidade para escrever e consegue realmente se sair melhor num concurso de poesia, mas outros, podem ter a facilidade em geografia, habilidade essa que não tinha, por exemplo.

Com o tempo fui percebendo que essa “mania” de ranquear os estudantes é incoerente e desumana. Relembrar ao aluno que ele é bom em algo e usar o reforço positivo, de acordo as ideias de Skinner, não tem problema, mas lembrar ao outro que não atingiu o patamar adequado aos olhos de alguns professores, faz com que o aluno acabe desanimado e desistindo de si mesmo. Sobre isto Artur (2018, 2018, p. 1) afirma que esse processo de classificação acaba acarretando em uma desqualificação do aluno que não atingiu a nota para se classificar entre os “melhores”. Cabe ressaltar que essa atitude deixa marcas profundas na autoestima do aluno que passa a não acreditar em sua capacidade.

O método avaliativo escolar no Brasil passou a ser direcionado por uma pedagogia do exame, classificatória; aquela em que o ensino está calcado nos percentuais de aprovação e os pais desejosos da troca de série de seus filhos. No entanto, a preocupação com a educação em si, com o pedagógico, não existe: o importante é a nota, é a aprovação, é promoção. [...] Esse tipo de cultura, logo de avaliação, acaba por aprofundar ainda mais as desigualdades existentes

Por ter passado por esse processo, conclui que essa prática não pretendo reproduzir quando estiver atuando como docente. A peça do quebra-cabeça me mostrou que muitos estudantes que se esforçavam, às vezes, não alcançaram os primeiros lugares. Devido a isso, eles nunca eram reconhecidos por terem se esforçados e melhorado durante o processo de

¹¹ Hogwarts: escola de bruxaria no universo do livro Harry Potter.

ensino-aprendizagem, e por isso, não busco realizar a mesma prática de alguns professores que tive pois, o que vale mesmo, nesse sistema de avaliação, é apenas a nota, o resultado final, e o processo avaliativo formativo, alguns professores deixaram trancados dentro de um baú no fundo do mar e esquecem de analisar.

Bandura e Polydoro (2008) criticam o behaviorismo no que se refere ao processo de aprendizagem do estudante, pois o processo de reforço positivo ou negativo acabam permitindo a moldagem social. Cabe ressaltar que o behaviorismo se apoia na ideia de interações estímulos-estímulos. Além disso, os autores ainda defendem que o sujeito é capaz de realizar os “autos”, autorreflexão e autorregulação e que por isso, os indivíduos se desenvolvem por meio do entendimento de sua realidade, por meio da proatividade e da motivação.

Beijaard, Meijer & Verloop (2004) ressaltam que a identidade do docente se desenvolve durante a vida, e a minha experiência sempre me lembrará do que posso e do que não devo fazer para ser uma flor de cerejeira dentro do ambiente de sala de aula. Cabe ainda ressaltar que, Coldron e Smith (2007) expõem as experiências como responsáveis pela reconstrução das identidades. Mas, em especial, com a minha vivência, essa realidade de premiação será sempre uma peça que lembrarei de não utilizar para poder alcançar meu objetivo de ser uma docente educadora transformadora.

4.6 Flores de cerejeira nas escolas

Flores de cerejeiras (Figura 16) são muito raras de se encontrar e brotam apenas épocas específicas do ano e, apesar da dificuldade, muitas pessoas desejam conhecer um dia essa árvore que é única.

Figura 16. Flor de Cerejeira
Local: Washington – DC



Fonte: acervo da autora

Assim como as flores de cerejeira, os professores que conseguiram me atingir foram peças raras de encontrar durante meu período na escola. Apesar de raros, esses professores existem, estão perdidos por aí em algumas escolas, embora sejam poucos e a pequena quantidade acaba tornando difícil encontrá-los. Um dos professores que considero como flor de cerejeira conheci na UnB, peguei mais de uma disciplina com essa professora, pois sua prática pedagógica era bastante diferente da prática tradicional e me apaixonei pelas aulas que tive com ela. Enfim, esta professora, a exemplo de *Lupin* o professor favorito de *Porter*, havia conseguido me atingir como estudante.

Cabe ressaltar que segundo Pinheiro Filho (2004) as vivências são individuais, pois cada um sente-se emocionalmente de maneira diferente numa mesma experiência. Quando defini um dos professores que considero como flor de cerejeira, me referia ao meu processo de aprendizagem. Para mim, fez diferença sair do tradicional e mergulhar num outro universo em que me vi finalmente autônoma.

Vou sempre me lembrar de poder escolher os livros que gostaria de ler, sobre os temas que ela trazia para a sala de aula; a maneira pela qual gostava de apresentar os trabalhos; as disponibilidades de atuar com autonomia no meu processo de aprendizagem e principalmente, da sensação de pertencer e querer estar fazendo parte daquela aula. Quando estiver na sala de aula, gostaria de ser flor de cerejeira para que meus alunos também pudessem se sentir como me sentia na aula dessa professora.

Querer estar no processo de ensino-aprendizado acaba tornando-o mais prazeroso e não tão maçante. Segundo Rocha e Pozzebon (2013) os espaços-tempo acabam influenciando na formação da identidade e estar na sala de aula deste professor fez com que realmente ocorresse um acréscimo as peças do quebra-cabeça.

4.7 Minha *Hogwarts*¹² na pedagogia

A minha *Hogwarts* pedagógica ocorreu na Universidade de Brasília e durante esses anos, acabei aprendendo e desaprendendo muitos ideais. Como o feitiço para abrir portas e cadeados denominado de “*Alohomora*”, do livro de Harry Potter, a UnB abriu portas para novos conhecimentos essenciais para o meu processo de formação inicial. Segundo Dantas (2007) esse período é a fase de preparação para construir saberes que serão imprescindíveis para a profissão. Essa perspectiva me leva a refletir o que imaginava ser pedagogo quando adentrei a

¹²*Hogwarts*: escola de bruxaria no universo do livro Harry Potter.

Faculdade de Educação. Lembro-me de pensar que existiam pedagogos apenas no ambiente escolar, mas acabei aprendendo que ser pedagogo vai além do que dar aula.

Mergulhar numa perspectiva tão diferente da que imaginava fez com que meu quebra-cabeça tivesse que se adequar aos novos conhecimentos que estavam recebendo. São tantas novas informações que às vezes fico um pouco surpresa por ter conseguido aprender muitos conteúdos, sem decorar, como fazia no ensino médio.

Pensar em exercer a minha profissão sem os conhecimentos que obtive, seria o mesmo que me jogar em alto mar para os tubarões. Essa analogia pode parecer não fazer sentido, mas se não conhecer meu aluno e suas formas de aprender e se desenvolver, se não conhecer maneiras de trabalhar ou como saber fazer um planejamento, e como lidar com situações problemas, seria como nadar contra tubarões em alto mar, haveria uma chance de conseguir, talvez, mas a probabilidade de perder essa “luta” seria muito maior.

Com o preparo necessário, é como se tivesse treinado várias vezes para conseguir nadar mais rápido, saberia o que fazer, como fazer. Com certeza surgiriam situações em que não saberia como proceder, mas a grande maioria, teria como resolver com base nos estudos que desenvolvi durante minha graduação e também, com a minha futura prática como educadora.

É importante ressaltar que apesar de ter maior conhecimento por meio da formação inicial, esse nunca será, por si só, suficiente para agregar tudo que preciso saber. Acerca disso, Dantas (2007) resalta que a formação continuada é importante para reformular, conhecer e reaprender o que foi estudando na formação inicial, além de aprofundar o conhecimento atrelada com a prática direta com a profissão.

Durante esse processo de formação, eu vivenciei tanto o estágio que cito ao longo deste trabalho, como também as aulas que me identifiquei bastante. Por exemplo: Processos de Alfabetização, Educação Matemática, Educando com Necessidades Especiais, Ensino de Ciência e Tecnologia, Perspectiva do Desenvolvimento Humano, Psicologia da Educação e entre muitas outras.

Figura 17- Educação Matemática
Local: Faculdade de Educação



Fonte: acervo da autora

Para ser sincera, foram poucas as disciplinas que acabei não tendo apreço, talvez, pela maneira como os professores trabalhavam ou apenas por não me identificar com aquela área. Além das disciplinas, durante meu processo de formação inicial, tive a oportunidade de pôr em prova meus conhecimentos e adentrar no mundo da pesquisa, por meio de congressos, semana universitária e eventos científicos (Figura 18).

Figura 18 – Congressos
Local: Faculdade de Educação



Fonte: acervo da autora

Todas essas vivências, conhecimentos, disciplinas e noites em claro de estudo ou fazendo trabalhos foram imprescindíveis para a construção da minha identidade, pois sem essa formação, provavelmente estaria tentando nadar no mar aberto e perdendo para os tubarões.

4.8 Expresso americano

Esta foi uma das experiências mais marcante em minha vida acadêmica porque mudou meu quebra cabeça. Não foi uma tarefa fácil. Transmitir as sensações e as experiências da forma mais viva possível é bastante complicado. Eu estava lá, então na minha cabeça, as lembranças vem como avalanche e transmitir essa avalanche para o papel é uma tarefa árdua. Já contei um pouco da minha experiência no início do trabalho por meio do memorial, mas tentarei detalhar alguns momentos imprescindíveis para discutir as mudanças que ocorrem no meu quebra-cabeça.

No memorial eu afirmei que “[...] havia outro fator que tornava tudo mais difícil: o Inglês”. Essa pequena frase ressalta uma experiência que foi ímpar em minha vida. Aprender uma nova língua do zero foi um grande desafio para mim. Sempre tive dificuldade com o Inglês, mas devido a minha mudança tive que obrigatoriamente aprender a língua. No início, me sentia com ausência de inteligência, pois queria ler o que estava escrito, ouvir a TV e compreender o que estava sendo relatado no jornal local, ou até mesmo me comunicar. Quando precisava resolver coisas básicas do dia-a-dia era quase impossível, mas nada que a mímica não resolvesse

Avaliar essa situação na perspectiva de futura educadora, é enxergar a criança dentro de seu processo de alfabetização, pois quando é alfabetizado na língua materna, também encontramos dificuldades semelhantes às que eu tinha, como por exemplo, ler o que estava escrito ou escrever um bilhete.

Me colocar como “criança” dentro desse processo, me fez enxergar como meus alunos deviam se sentir durante o processo de alfabetização. Tendo como base Beijaard, Meijer & Verloop (2004) é possível perceber que essa vivência acabou interferindo positivamente na construção da minha identidade docente, pois antes até sabia na teoria que deveria colocar o aluno como centro do processo de aprendizagem, mas na prática, foi a primeira vez que tive essa experiência como aluna.

Enxergar o aluno como o centro do processo e auxiliá-lo é essencial para o desenvolver dessa situação. Aprendi porque me colocaram como centro do processo e me auxiliaram a chegar aonde estou hoje, lendo e compreendendo uma língua que não é a minha e sem precisar da tecla CC do controle remoto.

Figura 19. Aulas de Inglês
Local: Montgomery College - MD



Fonte: acervo da autora

Graças a meus diversos professores, consegui aprender a língua inglesa durante o período de um ano. Agora consigo entender até mesmo os seriados, os quais gosto de assistir sem legenda, além de me comunicar sem dificuldade, a escrever de acordo com o estilo americano e principalmente, consigo acompanhar minhas séries favoritas, como por exemplo, Harry Potter na língua original.

Além de aprender uma nova língua, conheci locais e museus incríveis que acabaram incrementando meus conhecimentos. Entrar no museu de história natural e ver ossos de dinossauro, um mamute enorme e até mesmo a ossada de baleias gigantes, foi uma experiência singular. Adentrar foguetes, conhecer sobre a história dos aviões em um dos museus mais interativos que já adentrei (Figura 20), foi inesquecível.

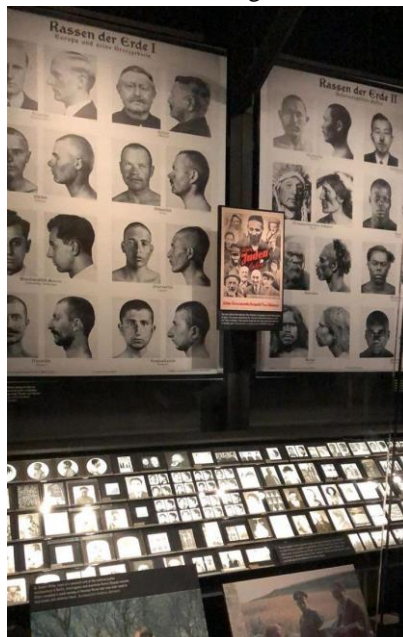
Figura 20 – Museu Aeroespacial
Local: Washington - DC



Fonte: acervo da autora

Entrei também, no museu do Holocausto (Figura 21), de artes em Nova York para ver obras das Tarsila do Amaral. Conheci o zoológico onde habitam animais que nunca havia visto, apenas pela televisão, como é o caso do panda (Figura 22), e também, o aquário em Baltimore (Figura 23), local em que habitam diversos tipos de espécies marinhas.

Figura 21. Museu do Holocausto
Local: Washington - DC



Fonte: acervo da autora

Figura 22 – Zoológico
Local: Washington - DC



Fonte: acervo da autora

Figura 23 – Aquário de Baltimore
Local: Baltimore - MD



Fonte: acervo da autora

O motivo de estar relatando essas experiências é devido ao fato de cada uma delas ter me feito refletir sobre a minha identidade. Segundo Pinheiro Filho (2004) sempre acabamos aprendendo, por meio da experiência sensorial, dentro dos ambientes em que estamos, pois não são neutros.

Como tive experiências em diversas cidades, museus e até mesmo no local em que trabalhava, muitas peças do meu quebra-cabeça acabaram mudando, algumas se recriando, mas todas com a função de aproveitar essa vivência como espaço de aprendizagem. A minha vivência fora e o meu aprendizado acerca da vida dos americanos, além do meu processo para aprender Inglês, ou até mesmo a como fazer um bom expresso, é essencial para compreender a rica quantidade de espaços-tempos de formação que me tornaram quem sou eu.

Meu eu de antes dessa viagem, não possui a noção de quanto os espaços fora de sala de aula podem ensinar, o quanto a imersão dentro de uma nova realidade faz diferença e principalmente, o quanto que não conseguir se comunicar pode ser algo tão difícil.

Porém, meu eu de agora, compreende que essas peças são essenciais para o processo de ensino-aprendizagem e como os espaços-tempo de formação são importantes durante o processo da construção do “eu”.

4.9. Montando o quebra-cabeça chamado Anna Carolina: os resultados

Com base nas análises acerca de cada um dos espaços-tempo de formação vivenciados por mim acima elencados, concluo que constituem a construção da minha identidade enquanto docente e que deles emergem as seguintes categorias:

Tabela 1 – Categorias de análise

CATEGORIAS
Influência familiar
Espaços escolares (escola, universidade, curso de Inglês)
Influência dos amigos
Aspectos negativos das minhas vivências na escola/ universidade
Aspectos positivos das minhas vivências na escola/ universidade
Espaços não escolares (museus, congressos, trabalho, cultura, valores, viagens)

Fonte: Da autora.

Com base nas análises Concluimos que os espaços-tempo de formação, que foram categorizados acima, construíram o quebra-cabeça do meu “eu profissional”.

Compreender que nossas experiências acabam influenciando a formação da identidade e que realmente está em constante transformação, nos torna seres capazes de nos aperfeiçoar a

cada momento. O eu atual, diferente do eu do passado, consegue compreender a infinidade de teias que compõem a complexidade no termo identidade.

Pensar em identidade significa pensar muito mais do que apenas a definição do quem sou eu, ou o que gosto de fazer. Pensar em identidade é investigar os momentos de minha vida e perceber como cada espaço-tempo de formação influenciou na construção dessa identidade.

Quando cito no memorial que minha transformação foi gigantesca, talvez muitos, antes de analisar os dados, não percebiam o quanto os espaços-tempo de formação acabaram influenciando na construção da minha identidade docente, no tipo de professora que desejo ser, e principalmente, o que eu pretendo para com o aluno após descobrir quem eu sou como educadora.

Relembrar a frase que escrevi em meu memorial “me sentia analfabeta” me faz pensar que talvez nunca passamos por isso completamente, pois quando iniciamos a vida escolar, sabíamos falar, ou seja, ao menos uma maneira de comunicação possuía. Iniciar do zero e ter que reaprender tudo desde a fase em que era bebê para começar a reproduzir os sons corretamente é diferente porque é mais difícil. Porém, essa experiência me deu uma riqueza enorme de informações e de práticas a respeito de como ensinar as crianças, de pensar em meios pedagogicamente adequados de realizar a comunicação com estrangeiros na escola e, compreender o tempo de aprendizado de cada um.

Repensar a ideia de eu expressava de decorar tudo na escola para poder apenas reproduzir em seguida na prova, são realidades que não quero que meus alunos passem. Compreendendo as vantagens e desvantagens, vivenciando e experimentando, consegui internamente definir quem eu sou como docente, construí um quebra-cabeça que consigo definir o eu, o eu profissional, como eu quero ser na minha profissão e como eu pretendo permanecer revivendo experiências e entendendo como essas acabaram mudando as peças do meu quebra-cabeça.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“- *Aonde fica a saída?* – *Perguntou Alice ao gato que ria*
 - *Depende, respondeu o gato*
 - *De quê?* – *replicou Alice;*
 - *Depende de para onde você quer ir...*”
 (CARROLL, Lewis - Alice no País das Maravilhas)

Com a realização deste trabalho pude perceber que o “eu profissional” de cada docente é construído singularmente. Apesar de a formação inicial ser comum, quesitos primordiais como espaços-tempo de formação acabam sendo individuais, pois cada um apresenta um significado para o momento em que viveu. Diante dessa perspectiva e após apresentar os referenciais teóricos, metodológicos, considero ter atingido os objetivos do presente trabalho e desvendado do mistério de quem é a **Anna Carolina** por meio de sua identidade docente.

Por meio da minha própria história, pude analisar minhas experiências para compreender as influências dos espaços-tempo na formação da identidade docente. A identidade apesar de parecer um termo fácil de definir, abrange diversas situações que interferem para a compreensão do conceito.

Utilizar da pesquisa autobiográfica me fez viajar dentro de um mundo mágico chamado eu mesma, pois muitas das percepções que acabei compreendendo por meio desse trabalho, me fizeram refletir sobre o que deveria e como deveria ensinar. Ou até mesmo, como sou e como posso ser em sala de aula de forma a conseguir alcançar meus objetivos de ser uma “profissional transformadora”.

Entender que meu quebra-cabeça da identidade não é tão difícil de se “ler”, basta apenas um olhar mais atento, uma análise aprofundada a respeito da questão da identidade, para compreender em qual profissional me transformei durante o decorrer de minha vida. Concluo que os resultados que descobri sobre mim mesma me surpreenderam, pois, situações comuns do meu dia a dia acabaram me “marcando na pele” intensamente, a ponto de mudar concepções e me transformar em quem sou eu.

5.1. Perspectivas

Um quebra cabeça de 500 peças é fácil de montar, agora um quebra cabeça que engloba uma imensidão de vivências, sentimentos e aprendizados possui infinitas peças que acaba demorando um pouco mais para conseguir visualizar a imagem final. Mesmo assim ainda não é o final, mas apenas parte de um processo que ainda tem muito o que descobrir e aprender. O que mais dificulta nesse quebra cabeça é a certeza de ser inconcluso, metafórico e plástico.

Hoje, com a conclusão desse trabalho consegui encontrar um sentido neste quebra-cabeça. Porém, amanhã, com novas vivências, provavelmente terei que remover algumas peças, acrescentar novas, redimensionar o trajeto ou talvez recomeçar a montagem, pois como acontece com o meu eu, nunca permanece igual, minha identidade está em constante transformação.

Minha escolha pelo curso de Pedagogia, não foi fácil, sempre ouvia as seguintes frases: “você passam o dia cortando EVA na faculdade?”, “você estão estudando para ser babá de bebê?”, “não tem para que estudar tanto para ser professor, é fácil dar aula, qualquer um faz isso.”. Estes discursos existem desde o surgimento do curso de Pedagogia. Percebe-se que algumas pessoas acabam depreciando a importância deste curso não sabendo a importância que a formação inicial, continuada e dos espaços-tempos de formação exercem na construção da identidade do docente pedagogo. Estar em sala de aula ensinando para formar cidadãos conscientes, com domínio de conteúdo, visão crítica e entre outros quesitos descritos na Lei de Diretrizes e Bases (9394/96), não é fácil, mas bastante instigantes para quem se identifica com a docência.

Compreender o processo de formação da minha identidade, como profissional e pessoa, me fez refletir, por exemplo, que muitas práticas pedagógicas tradicionais que meus professores no ensino fundamental me fizeram vivenciar, serão práticas que não irei reproduzir quando estiver em sala de aula com os meus alunos. Quero ser uma educadora transformadora!

O que viria a ser um educador transformador? Um professor que não busca, como dizia Foucault, a docilização dos corpos dos alunos para mantê-los em ordem dentro de sala de aula. É um professor que não se vê como centro de todo conhecimento, que faz da sala de aula um ambiente de formação do sujeito, tanto no sentido crítico como no acadêmico.

Analisar minhas experiências me fez perceber que assim como meus alunos, estou em processo de aprendizagem, e que cada novo conhecimento reconfigura o quem eu sou e minha metamorfose profissional. Buscar entender que meus futuros alunos também estarão em metamorfose faz a diferença, pois sempre terei a preocupação de tentar fazê-los refletir acerca dessa formação.

Como dizia Rubem Alves (1980, p. 11), “Educador, ao contrário, não é profissão; é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança”. Portanto, tenho a esperança de que a partir da minha prática docente conseguirei ser uma educadora transformadora, que realmente se preocupa com a educação dos estudantes quebrando o paradigma de que o professor é apenas um ser que transmite conteúdos.

Manter uma prática pedagógica que visa trabalhar com as subjetividades e com a realidade social em que meus alunos estão inseridos é a minha perspectiva para o futuro. O eu hoje, deixa registrado aquilo que pretendo hoje, mas quem sabe no futuro, não terei acrescentado mais metas?

A minha metamorfose não termina aqui, pode ser que tenha que me mudar novamente de país, devido ao meu pai ser militar e, às vezes, precisar mudar de cidade à serviço, ou até mesmo, comece uma nova etapa dentro da minha área de formação, mas tenho certeza que meu quebra-cabeça atual não será o mesmo. Pode ser que forme outra imagem, tenha mudado de direção ou até mesmo esteja morando em outro lugar, mas o aprendizado que tive com esse trabalho não irei perder, mas serão apenas acopladas a ele novas informações para me ajudar, sempre a me transformar sempre com a beleza e o perfume da flor de cerejeira.

Enfim, meu quebra cabeça apesar de atualmente, parecer possuir uma “imagem” definida, nunca se sabe quando uma nova vivência vai acabar “bagunçando” as peças e me fazendo reorganizá-las novamente.

É isto...

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto – **Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica**. História da Educação, ASPHE/FaE/UFPel, Pelotas, nº 14 , set. 2003, p. 79-95. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30223>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.
- ALVES, Zélia; SILVA, Maria – **Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta**. Paidéia, FFCLRP – USP, Rib. Preto, 2, p. 61-69, Fev/Jul 1992. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007. Acesso em: 10 de novembro de 2018.
- ARTUR, Schirley de Fátima Rietow – **A avaliação da aprendizagem como processo de transformação e inclusão**. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0256.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2018.
- BANDURA, A.; Azzi, R. G.; POLYDORO, S. (2008). **Teoria Social Cognitiva: conceitos básicos**. Porto Alegre: ArtMed, 2008.
- BARBOSA, Ivone Garcia; E REIS, Fernando Figueiredo dos Santos – **O papel da família na constituição da identidade na infância: A perspectiva veiculada em livros e periódicos de psicologia e a visão sócio-cultural dos Vygotskyanos**. Faculdade de Educação/ UFG – Comunicação Psicologia e processo psicossociais. Disponível em: https://eventos.fe.ufg.br/up/248/o/1.5.___2_.pdf. Acesso em: 18 de novembro de 2018.
- BEIJAARD, D., MEIJER, P. & VERLOOP, N. **Reconsidering research on teachers' professional identity-** Teaching and Teacher Education, 20, 107-128, 2004. Disponível em: https://openaccess.leidenuniv.nl/bitstream/handle/1887/11190/10_404_07.pdf?sequence=1. Acessado em: 27 de setembro de 2018.
- BERNADY, Katieli; PAZ, Dirce Maria Teixeira – **Importância do estágio supervisionado para a formação de professores**. Ciência, Reflexibilidade e (In) certezas, nov. 2012. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/seminario/downloads/anais/ccs/importancia%20do%20estagio%20supervisionado%20para%20a%20formacao%20de%20professores.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2018.
- BICUDO, M. A. V – **Aspectos da pesquisa qualitativa efetuada em uma abordagem fenomenológica**. In: Maria Aparecida Viggiani Bicudo. (Org.). Pesquisa qualitativa segundo uma visão fenomenológica. 1ªed. São Paulo: Editora Cortez, 2011, A – p. 29-40 . Disponível em: http://www.mariabicudo.com.br/resources/CAPITULOS_DE_LIVROS/Aspectos%20da%20pesquisa%20qualitativa%20efetuada.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2018.
- BICUDO, M. A. V. – **A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos**. In: Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica. 1ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2011, B – p. 11-28. Disponível em: http://www.mariabicudo.com.br/resources/CAPITULOS_DE_LIVROS/A%20pesquisa%20qu

aliativa%20olhada%20para%20al%C3%A9m%20dos%20procedimentos.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

BOUSSO, R. S. et al – **Estágio curricular em enfermagem: transição de identidades**. Rev. Esc .Enf. USP, v. 34, n. 2, p. 218-25, jun. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342000000200013&script=sci_abstract. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional da Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica/** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica – Brasília, MEC/SEB/DICEI; 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

BRASIL, **Plano Nacional de Educação 2014-2024 (PNE)**. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 23 de outubro de 2018.

CANDAU, V. M. F. **Formação continuada de professores: tendências atuais**. In: CANDAU, V. M. (Org.). Magistério: construção cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1997.

CASTELLS, Manuel. **Paraísos Comuns: identidade e significado na sociedade em rede**. In: O poder da identidade, Volume II – São Paulo: Paz e Terra, 1999. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/79225153/O-Poder-Da-Identidade-cap-1>. Acessado 27 de Setembro de 2018.

COLDRON, John; SMITH, Robin. **Active location in teachers' construction of their professional identities** – Journal of Curriculum Studies, 31:6, 711-726, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261684366_Active_Location_in_Teachers%27_Construction_of_their_Professional_Identities?enrichId=rgreq-f248c24f7db32f58ce43069ed8d72a87-XXX&enrichSource=Y292ZXJQYWdlOzI2MTY4NDM2NjtBUzoxNTMyNjcyODM2OTc2NjRAMTQxMzU1MzE3NjE0NQ%3D%3D&el=1_x_2&_esc=publicationCoverPdf. Acessado em: 27 de setembro de 2018.

DA SILVA, Francisco das Chagas Rodrigues; MAIA, Sidclay Ferreira – **Narrativas Autobiográficas: Interfaces com a pesquisa sobre a formação de professores**. Disponível em: http://leg.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/VI.encontro.2010/GT.1/GT_01_22.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

DANTAS, Otilia Maria. **As relações entre os saberes pedagógicos do formador na formação docente**. Natal: UFRN, 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp061830.pdf>. Acessado em: 28 de setembro de 2018.

DANTAS, Otilia Maria; SOUSA, Thaiza Pinheiro. **A identidade do Pedagogo Docente: Mapeamento dos Egressos do curso de pedagogia**. Educere Congresso Nacional de Educação. 2015. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/19361/1/2016_ThaizaPinheiroDeSousa_tcc.pdf. Acesso em: 14 de setembro de 2018.

DIAS, Carlos Alberto Ramos – **A família na formação da identidade. Orientações para o futuro**. Covilhã, Portugal, jul. 2012. Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/2591/1/TESE_FINAL_Carlos%20Dias.pdf. Acesso em: 18 de novembro de 2018.

DICIONÁRIO Aurélio Online de Português, 2018. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/>. Acesso em: 10 de outubro de 2018.

FERRAROTTI, F – **Sobre a autonomia do método biográfico**. In: NÓVOA, A; FINGER, M – O método (auto)biográfico e a formação. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988, p.17-34.

FOUCAULT, Michel – **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, Vozes, 1987. Disponível em: https://social.stoa.usp.br/articles/0037/3030/Foucault_Vigiar_e_punir_I_e_II.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

FRANZOLIN, Fernanda; CORREIA, Larissa Costa – **Estágio supervisionado no curso de pedagogia: reflexão acerca da prática docente**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba, 2013. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7545_4760.pdf. Acesso em: 18 de novembro de 2018.

GONZÁLEZ REY, Fernando – **Locualitativo y locuantitativo en la investigación de la psicología social**. Psicología e Sociedade, São Paulo, v. 10, n.2, p. 32-52, 1998 Disponível em: http://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_biblio/fernando/artigos/epistemologia_qualitativa/Lo_cualitativo_y_lo_cuantitativo.pdf. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

HABERMAS, Jurgen. **Teoria de la acción comunicativa I: Racionalidad de la acción y racionalización social** – Espanha: Taurus Humanidades, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade** – 10ª Edição, Rio de Janeiro: DP&A, 2005. Disponível em: <https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf>. Acessado 27 de setembro de 2018.

KUENZER, Acácia Zeneida e RODRIGUES, Marli de Fátima. **As diretrizes curriculares da pedagogia: uma expressão da epistemologia da prática**. In: Novas subjetividades, currículo e questões pedagógicas na perspectiva da inclusão social. Anais do XIII Endipe. Recife, pp. 185-212, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática e epistemologia: para além do embate entre a didática e as didáticas específicas.** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; D'ÁVILA, Cristina (Org.). *Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas.* Campinas, SP: Papirus, 2008.

Disponível em:

<http://professor.pucgoias.edu.br/SiteDocente/admin/arquivosUpload/5146/material/Salvador%20Cristina%20Revis%C3%A3o%20fe%2008.doc>. Acessado em: 30 de setembro de 2018.

MELLO, Elisângela de Fátima Fernandes de; TEIXEIRA, Adriano Canabarro Teixeira – **A interação social descrita por Vigotsky e sua possível ligação com a aprendizagem colaborativa através das tecnologias de rede.** UPF. Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/6/871>.

Acesso em: 18 de novembro de 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino de, VICENTINI, Paula Perin – **Entra a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização.**

Revista: Educ., 2011, vol. 27, nº 1, p. 369-386. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982011000100017&script=sci_abstract&tlng=pt)

[46982011000100017&script=sci_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982011000100017&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 10 de novembro de 2018.

PINHEIRO FILHO, Fernando – **A noção de representação em Durkheim** – Revista:

Luanova, nº 61, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ln/n61/a08n61.pdf>.

Acesso em: 06 de novembro de 2018.

ROCHA, Aristeu Castilhos da; POZZEBON, Maria Catharina Lima – **Reflexões sobre a práxis: as vivências no estágio supervisionado em História** – Revista: História & Ensino, Londrina, v. 19, n. 1, p. 71-98, jan/jun. 2013. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/download/13810/13007>. Acesso em: 10 de novembro de 2018.

ROWLING, J.K, **Harry Potter e a Câmara Secreta**, Editora Rocco Ltda, A – 2000.

ROWLING, J.K, **Harry Potter e a Pedra Filosofal**, Editora Rocco Ltda, B – 2000.

ROWLING, J.K, **Harry Potter e as Relíquias da Morte**, Editora Rocco Ltda, 2007.

ROWLING, J.K, **Harry Potter e o Cálice de Fogo**. Editora Rocco Ltda, 2001.

SANTOS, Larissa Medeiros Marinho dos – **O papel da família e dos pares na escolha profissional.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 10, n. 1, p. 57-66, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a07.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2018.

SHINUGUNOV NETO, A.; MACIEL L. S.B (orgs) – **Reflexões sobre a formação de professores.** Campinas, SP: Papirus, 2002.

SILVA, Matheus Ireneo e et al. – **Estudo do Método de Rotação por Estações para o desenvolvimento de diferentes linguagens.** XVIII ENEQ, Florianópolis, SC, Brasil, 2016.

Disponível em: <http://www.eneq2016.ufsc.br/anais/resumos/R1080-1.pdf>.

SILVA, Janaina da Conceição Martins – **Formação continuada dos professores: visando a própria experiência para uma nova perspectiva** – Revista Iberoamericana de Educación.

Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil. Disponível em:
<http://www.rioei.org/expe/3882Martins.pdf?>. Acesso em: 28 de outubro de 2018.

THIESEN, Juares da Silva – **Tempos e espaços na organização curricular: uma reflexão sobre a dinâmica dos processos escolares** – Revista: Educação em revista. Belo Horizonte, v.27, nº 01, p. 241 – 260, 2011. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100011. Acesso em: 06 de novembro de 2018.